

PORTUGAL: UMA BARBÁRIE DE PITORESCAS PAISAGENS

(Joseph Oldknow e John Mason Neale,
dois ingleses entre nós em meados do século XIX)

Maria Zulmira Bandarra de Sousa

Nos anos de 1853 e 1854 o Portugal da Regeneração foi visitado por dois pastores anglicanos, Joseph Oldknow e John Mason Neale, e dessas deslocações nasceram obras que vieram avolumar a já considerável literatura de viagens sobre o nosso país existente àquela data. É sabido que razões de ordem política, militar e comercial tinham trazido britânicos a Portugal desde tempos tão recuados como a tomada de Lisboa aos mouros por D. Afonso Henriques em 1147, mas foram os trágicos acontecimentos do Terramoto de 1755 que despertaram claramente uma viva curiosidade do público de além-Mancha pela realidade portuguesa. Até ao final de setecentos os relatos de viagem de Richard Twiss, do major William Dalrymple e, sobretudo, os do arquitecto James Cavanah Murphy, do irreverente intelectual William Beckford e do primeiro lusófilo inglês Robert Southey atestam distintamente um verdadeiro interesse por Portugal que os acontecimentos históricos portugueses das primeiras três décadas do século XIX vieram ampliar consideravelmente.⁽¹⁾ Com efeito, das penas de muitos dos militares britânicos que combateram em solo português durante a Guerra Peninsular e a Guerra Civil que opôs liberais e absolutistas saíram numerosos relatos que, embora concentrados nos referidos conflitos bélicos, não deixam de ser importantes repositórios de pormenores da

⁽¹⁾ Para conhecimento da indicação bibliográfica completa respeitante aos títulos dos autores atrás mencionados e para uma visão de conjunto das obras sobre Portugal de autoria estrangeira até finais do século XIX consulte-se: MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA, "Lisboa Vista pelos Estrangeiros (Levantamento Bibliográfico até ao Fim do Séc. XIX)" in *Lisboa. Revista Municipal*. Edição da Câmara Municipal de Lisboa — Ano XLIV — 2.ª série — N.º 5 e 6 — 3.º e 4.º Trimestres de 1983, pp. 57-75.

vida portuguesa, à semelhança dos livros de viagens sobre o nosso país escritos no último quartel do século XVIII.⁽²⁾

Mas o Portugal de oitocentos não atraiu apenas combatentes britânicos. Outro tipo de viajante — aquele que se desloca não por imperativos profissionais mas porque, dispondo de tempo e de dinheiro, procura lugares novos que alarguem o seu conhecimento do mundo e lhe satisfaçam o gosto pela descoberta, pela aventura e pela observação de paisagens naturais — começou a cruzar a Europa a partir do século XVIII. Para tal contribuiu decisivamente o melhoramento gradual das condições de viajar em termos, principalmente, de segurança, mas também de comodidade. Preocupado em chegar são e salvo, o viajante dos séculos anteriores desejava atingir rapidamente o seu destino, e a paisagem que atravessava causava-lhe receio e enfado. Agora, sentindo-se mais tranquilo e confortável, descobre pela primeira vez a beleza dos cenários naturais e começa a responder emocionalmente às paisagens que se desenrolam diante dos seus olhos.⁽³⁾ Dos cenários rurais, dos jardins cuidadosamente ordenados e dos monumentos arquitectónicos tão apreciados pelo espírito iluminista (preocupado com os proveitos educativos da viagem) passou-se gradualmente ao culto apaixonado das montanhas ⁽⁴⁾ e da natureza selvagem que viria a marcar, de forma exuberante, a época romântica. Para esta a viagem continuou a ser um meio de satisfazer o gosto pelo estrangeiro que já caracterizara os viajantes cosmopolitas do século XVIII, mas constituiu igualmente uma verdadeira necessidade, a escapatória possível ao *mal de vivre* dos inquietos espíritos românticos.

Por isso a viagem se tornou no Romantismo uma moda, lançada exactamente pelos ingleses. No século XVII já tinha sido um deles, James Howell, a escrever o primeiro guia de viagens sobre o Continente europeu, *Instructions for Forreine Travell* (1642), e, no século seguinte, não só inventaram a palavra «tourist» como da pena de um outro inglês saiu uma obra em quatro volumes que viria a tornar-se um guia essencial: *The Grand Tour containing an Exact Description of most of the*

⁽²⁾ Para informação acerca das obras de viajantes britânicos que têm por pano de fundo as Invasões Francesas e a Guerra Civil consulte-se igualmente o levantamento bibliográfico referido na nota anterior.

⁽³⁾ "We can trace then the ordered development of the sense of beauty in three successive stages: first comes the traveller of the fifteenth century whose look is always backward, then the intermediate stages when the traveller was beginning to feel as well as to see, to feel, if not rapture, at least contentment of mind in beholding beautiful things and places but still looking for usefulness first and beauty afterwards, and finally the complete traveller who is simply happy to feed his eyes on what is fair and to fill his ears with the sweet harmony of birds.": MALCOLM LETTS, "Early Travel and the Development of the Sense of Beauty" in *The Contemporary Review*. Vol. CXVI (July-December 1919). London, The Cont. Rev. Company Limited, 1919, pp. 446-447.

⁽⁴⁾ G. B. Parks, em artigo intitulado "The Turn to the Romantic in the Travel Literature of the Eighteenth Century", defende a ideia de que é precisamente a admiração pelas paisagens montanhosas o factor que determina a transição para o relato de viagem de cunho romântico: "Yet it was mountain scenery, rather than sea or remote lands or primitive peoples, which mainly inspired the romantic turn in travel literature." in *Modern Language Quarterly*, n.º 25, 1964, p. 27.

Cities, Towns and Remarkable Places of Europe (1743) de Thomas Nugent.⁽⁵⁾ À medida que o *Grand Tour* se foi popularizando proliferou também este tipo de obras que cada vez mais eram reconhecidas como preciosos auxiliares de viagem. Ao longo do século XIX serão postos à venda em Inglaterra variadíssimos guias e itinerários, sendo de destacar a publicação em Londres, em 1836, de *A Hand-Book for Travellers on the Continent*, da responsabilidade do editor Murray. Multiplicaram-se os mapas, os horários das diligências e dos novos comboios. Em 1841 é a vez de Thomas Cook lançar a sua famosa agência de viagens e, em 1851, três anos antes da vinda a Portugal dos dois pastores anglicanos de que nos vamos ocupar, era fundado *The British Alpine Club*, prova do entusiasmo que as montanhas, e sobretudo os Alpes, despertavam nos britânicos que então se deslocavam ao Continente.

Ao viajante oitocentista em busca da imensidão das assombrosas paisagens sublimes ⁽⁶⁾ Portugal tinha algo a oferecer. As Serras da Estrela, Arrábida, Monchique e, especialmente, Sintra, que tanto fascínio exerceu sobre os britânicos que no Romantismo a visitaram ⁽⁷⁾ — Lord Byron é apenas o mais célebre dos muitos exemplos que poderíamos apontar —, mereceram de numerosos forasteiros rasgados elogios, embora o nosso país não possuísse os cenários grandiosos e ao mesmo tempo assustadores, as altas e escarpadas montanhas, os abismos profundamente cavados que os viajantes de além-Mancha podiam encontrar na Suíça. Mas abundavam em Portugal as paisagens que impressionavam pela sua beleza ⁽⁸⁾ suave e delicada, e este país ibérico era rico em pitoresco, ou seja, em cenas que, por preencherem os requisitos pictóricos necessários, eram dignas de figurarem em quadros.⁽⁹⁾ Pitorescas eram as paisagens variadas, contrastantes e

⁽⁵⁾ Para uma breve definição de GRAND TOUR, fenómeno cultural que teve o seu início na época isabelina mas que só se difundiu amplamente no século XVIII, citem-se as palavras de Francis Claudon: "Qu'est-ce que le Grand Tour? Un séjour de vingt à trente mois environ, à travers tous les pays, ou presque, de l'Europe continentale. Quel est le but du Grand Tour? L'ailleurs, l'évasion, la comparaison." in *Le Voyage Romantique. Des Itinéraires pour aujourd'hui*. Paris, Philippe Lebaud, 1986, p. 10.

⁽⁶⁾ Em 1757 foi publicado *A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful*, de Edmund Burke, livro que promoveu o gosto pelo sublime. Burke definiu este conceito nos seguintes termos: "Whatever is fitted in any sort to excite the ideas of pain, or danger, that is to say, whatever is in any sort terrible, or is conversant about terrible objects, or operates in a manner analogous to terror, is a source of the sublime; that is, it is productive of the strongest emotion which the mind is capable of feeling." in *A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful*. London, Routledge and Kegan Paul, 1967, p. 39.

⁽⁷⁾ Consulte-se: J. ALMEIDA FLOR, *Sintra na Literatura Romântica Inglesa*. Publicações da Câmara Municipal de Sintra, 1978.

⁽⁸⁾ Quanto ao conceito de belo, Edmund Burke referiu-se-lhe assim: "By beauty I mean, that quality or those qualities in bodies by which they cause love, or some passion similar to it." *ibidem*, p. 91.

⁽⁹⁾ Na última década do século XVIII apareceram a público *Three Essays:— on Picturesque Beauty: — on Picturesque Travel: and, on Sketching Landscape: to which is added a Poem, on Landscape painting* (1792) de William Gilpin e *An Essay on the Picturesque as compared with the Sublime and the Beautiful: and on the use of studying pictures for the*

coloridas, as formas irregulares e os jogos de luz que surpreendiam o viajante a cada passo, as melancólicas ruínas das construções medievais, os edifícios decadentes e cobertos de hera, as típicas casas de campo, os rituais católicos, as pequenas aldeias de gente rude e também as figuras humanas que a literatura se encarregava de popularizar: os pedintes, os monges e os bandidos.

A leitura dos muitos relatos de viagem sobre Portugal escritos por britânicos nas primeiras décadas do século XIX mostra-nos de imediato, e de modo inequívoco, que, se abundam neles críticas severas ao Estado e à Igreja Católica, as entidades responsáveis, segundo os autores, pelo subdesenvolvimento económico e pelo atraso cultural do nosso país, não é menos certo que em todos encontramos o enaltecimento das paisagens e do clima portugueses. No fundo, tais encantos naturais, e mesmo os aspectos que suscitaram ferozes censuras, representavam, no seu conjunto, apelos ao viajante-escritor que, à semelhança do seu antepassado do século anterior, se desloca movido pelo gosto pelo diferente, pelo exótico⁽¹⁰⁾, então muito em moda.

Efectivamente, e embora a busca do estranho, o fascínio pelo distante e o desejo de evasão às obrigações, ansiedades e preocupações quotidianas não sejam exclusivo dos dois séculos de que temos vindo a falar, a verdade é que o exotismo, associado à viagem, ocupou um lugar muito importante na vida e na literatura dessas épocas. Durante o século XVIII os relatos de viagem, por serem particularmente aptos a propiciar reflexões de carácter moral, filosófico e político, foram muito utilizados pelos iluministas para, a pretexto de descreverem lugares exóticos, fazerem crítica social e confrontarem doutrinas, costumes, instituições. Ao longo do século XIX vamos continuar a encontrar nos

purpose of Improving real landscape (1794-1798) de Uvedale Price, obras que difundiram e popularizaram a noção de pitoresco. Foi William Gilpin (1724-1804) quem lançou a voga do turismo pitoresco devido à grande divulgação que tiveram não só os seus ensaios sobre este conceito mas também os vários livros de viagens que escreveu, resultantes de extensas deambulações por toda a Grã-Bretanha. O que procuravam esses turistas em busca do pitoresco? Citemos as palavras de Malcolm Andrews a propósito do que era considerado por Uvedale Price (1747-1829) merecedor desse adjectivo: "He [Price] chooses as prime Picturesque material hovels, cottages, dilapidated mills, the interiors of old barns, 'old mossy, rough-hewn park pales of unequal heights', disturbed surfaces of water, certain kinds of tree (oak, elm) — particularly when shattered by storm — shaggy goats, and sheep with ragged fleeces. His depressing list of derelict and obsolescent is finished off with a few human subjects eligible for Picturesque treatment, the gypsies and beggars, 'who in all the qualities which give them that Character, bear a close analogy to the wild forester and the worn-out cart-horse, and again to old mills, hovels, and other inanimate objects of the same kind.' In effect, only ruined human beings are Picturesque." in *The Search for the Picturesque. Landscape Aesthetics and Tourism in Britain, 1760-1800*. Aldershot, Scolar Press, 1989, p. 59.

(10) "We may say that literary exoticism is the integration or intrusion into the literary world of unusual geographical and ethnological features; it expresses the writer's taste for countries that seem excitingly strange and charmingly new, and betrays his enchantment with the diversity, with the vagary even of climate and custom.": in FRANÇOIS JOST, *Introduction to Comparative Literature*. Indianapolis and New York, Pegasus: A Division of the Bobbs-Merrill Company, 1974, p. 111.

livros de viagens considerações desta índole, pois o contacto com outras realidades conduz quase inevitavelmente à meditação sobre as comparações e os contrastes que se estabelecem. Devemos porém ter presente que, se o exotismo encarado nestes termos se dirige fundamentalmente à razão do leitor, convidando-o a reflectir sobre modos de vida distintos do seu e a concordar ou discordar dos pontos de vista do viajante-escritor, ele pode igualmente — como mostrou o Romantismo — apelar à imaginação e ao sentimento, descrevendo pormenorizadamente locais idílicos e sublimes, lugares de recolhimento e de intimidade, verdadeiras portas de escape aos tormentos diários, às pressões citadinas e aos artificialismos da civilização. (11)

À medida que o século XIX foi avançando, Portugal continuou a afigurar-se aos britânicos como uma fonte de pitoresco e de exotismo. Passados os períodos conturbados das Invasões Francesas e da Guerra Civil entre liberais e miguelistas esmoreceu, mas não desapareceu nos ingleses do reinado da rainha Victoria o entusiasmo pelo nosso país. Tal interesse enquadra-se, aliás, num fenómeno cultural mais amplo: o profundo gosto dos vitorianos pela viagem e o fascínio que a Europa meridional neles exerceu, levando-os a atravessar a Mancha e a cruzar os países mediterrânicos em todos os sentidos, sobretudo a Itália. (12)

Provas de que Portugal continuou a ser procurado por britânicos são os relatos de William Henry Giles Kingston, *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* (1845), Terence MacMahon Hughes, *An Overland Journey to Lisbon at the close of 1846; with a Picture of the Actual State of Spain and Portugal* (1847) e Dorothy Wordsworth, *Journal of a few months' residence in Portugal, and glimpses of the south of Spain* (1847). No ano de 1847 era ainda publicado em Lisboa *The Stranger's Guide in Lisbon; or an historical and descriptive view of the city of Lisbon and its environs, with a new and correct map of the city*, obra com que o autor anónimo pretendeu preencher a falta que diz desde há muito existir de um pequeno guia que fosse ao encontro das necessidades dos ingleses que visitavam a capital portuguesa. (13)

(11) "In the early nineteenth century, owing to their predilection for the picturesque, writers began to observe even the nuances that separate the Japanese from the Chinese. Similar observations can be made in their descriptions of countrysides. Moreover, French exoticism, like the English, no longer aimed primarily at delivering lessons of wisdom or at recounting tales of adventure. It became poetry; it was to the imagination and to the senses, not to reason, that the writer addressed himself." : FRANÇOIS JOST, *Ibidem*, p. 122.

(12) Sobre esta questão consulte-se: JOHN PEMBLE, *The Mediterranean Passion. Victorians and Edwardians in the South*. Oxford, Clarendon Press, 1987. Este livro abre exactamente com a afirmação de que a viagem constituiu para os vitorianos endinheirados uma ocupação de grande significado: "In Victorian and Edwardian Britain the superior classes were travelling classes. They were always going abroad. Their lives were a constant bustle of arrival and departure, their port-manteaux and hatboxes were plastered with foreign labels, and many of the myriad letters that they wrote and received carried the postmarks of exotic places.", p. 1.

(13) No ano de 1800 fora já publicado em Londres *The Lisbon Guide; containing directions to Invalids who visit Lisbon; with a description of that city and tables of coins, weights, and measures of Portugal*. Trata-se, como se percebe pelo título, de um guia dirigido

Com a viragem para a segunda metade do século, que em Portugal coincide com o começo da Regeneração (iniciada em 1851 pela intervenção militar do Duque de Saldanha), o nosso país conhece finalmente a paz e uma relativa estabilidade política que de novo atrai ao seu território um número significativo de britânicos. Nas duas décadas que se seguem, para nos cingirmos apenas ao período da Regeneração (1851-1868), podemos apontar, para além das obras de Joseph Oldknow e de John Mason Neale, títulos como: *The Tagus and the Tiber; or, Notes of Travel in Portugal, Spain, and Italy, in 1850-51* (1852) de William Edward Baxter, *A Visit to Portugal and Madeira* (1854) de Lady Emmeline Charlotte Elizabeth Stuart-Wortley, *Here and there in Portugal. Notes of the present and the past* (1856) de Hugh Owen⁽¹⁴⁾ e *A Family Tour round the Coasts of Spain and Portugal during the Winter of 1860-1861* (1862) de Lady Dunbar, aos quais devemos acrescentar um interessante guia de viagem sem assinatura: *Hints to Travellers in Portugal, in search of the beautiful and the grand. With an itinerary of some of the most interesting parts of that remarkable country* (1852). Muitos dos viajantes que rumaram ao território português durante esta época não o fizeram por necessidade mas, simplesmente, por prazer. O sucesso económico da era vitoriana traduziu-se num aumento do poder de compra que, aliado à diminuição dos custos das viagens, alargou às classes médias a possibilidade de passar férias no estrangeiro:

“But Victorian and Edwardian visitors to the Mediterranean were not exclusively or even predominantly aristocratic, because in the second half of the nineteenth century rising incomes and facilitated travel combined to bring more and more members of the middle classes to the South.”⁽¹⁵⁾

Tal é o caso de dois viajantes que em 1854 visitaram Portugal durante um mês, Joseph Oldknow e John Mason Neale, embora este último já aqui tivesse estado no ano anterior com objectivos bem determinados que adiante explicitaremos. Dessa excursão por terras lusitanas resultaria um relato de viagem que Bernardes Branco definiu como um “volumesinho ácerca da immundicie em Portugal”.⁽¹⁶⁾ Publicado em Londres em 1855 com o título *A Month in Portugal*⁽¹⁷⁾, o autor

àqueles que, por razões de saúde, rumavam a Lisboa. O valor terapêutico do clima português, nomeadamente no tratamento das doenças pulmonares, vinha sendo recomendado pelos médicos britânicos desde o século XVIII.

(14) Trata-se de Hugh Owen, 1.º Barão da Torre de Pêro Palha, que dedicou esta obra a seu pai, Hugh Owen, coronel do exército britânico que combateu em Portugal durante a Guerra Peninsular e que viria a ser Comendador da Ordem de Avis e Cavaleiro da Torre e Espada. O Barão, amigo de Camilo Castelo Branco, era irmão da célebre Fanny Owen, cujos amores infelizes foram imortalizados por Camilo e, já no nosso século, de novo abordados literariamente por Agustina Bessa Luís (*Fanny Owen*, 1979).

(15) JOHN PEMBLE, *ibidem*, p. 2.

(16) *Portugal e os Estrangeiros*. Segunda Parte. Volume III. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, p. 30.

(17) Indicação bibliográfica completa: JOSEPH OLDKNOW, *A Month in Portugal*. London, Longman & Co., Birmingham, B. H. Leather, 1855.

é um obscuro pastor anglicano: Joseph Oldknow (1806 ?/1809 ? - 1874). O seu nome não figura no *Dictionary of National Biography*, e nem Félix Walter ⁽¹⁸⁾ nem Rose Macaulay ⁽¹⁹⁾ lhe traçam qualquer biografia, embora assinalem a existência deste livro. Também nenhuma das várias enciclopédias em língua inglesa que consultámos lhe fazem qualquer alusão. Quanto às obras de referência em língua portuguesa, verifica-se que Inocêncio Francisco da Silva e seus continuadores não o mencionam no *Dicionário Bibliográfico Português*, enquanto Bernardes Branco em *Portugal e os Estrangeiros* dá algum destaque a este relato, transcrevendo excertos que considerou peculiares da opinião que Oldknow formou de Portugal, mas, mais uma vez, deparamos com a total ausência de dados pessoais. Por último, a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, no seu volume XIX, apresenta uma entrada para este autor, atribuindo-lhe o referido título, mas não fornece informações sobre a sua vida, pelo que desconhecemos a biografia deste sacerdote que exerceu as suas funções em Bordesley, Birmingham, como consta no frontispício de *A Month in Portugal*.

Esta, contudo, não foi a única obra de Oldknow. O *General Catalogue of Printed Books* (British Museum), vol. 175, bem como *The National Union Catalog* (Library of Congress), vol. 429, reconhecem-lhe a autoria de um número substancial de textos, todos eles de carácter religioso, entre os quais se conta *The Catholic Church; its nature, constitution and privileges* (Londres, 1839); talvez que este interesse em estudar a Igreja Católica tenha estado, anos depois, na origem do seu desejo e curiosidade de visitar Portugal ... tanto mais que é certo ser a Igreja a instituição que mais reflexões e divagações lhe suscita ao longo das páginas que dedicou ao nosso país, sendo frequente encontrarem-se também comparações entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Anglicana.

Seja como for, a única vez que Oldknow se aventurou nos caminhos da prosa não religiosa foi para escrever um relato de viagem sobre Portugal e fê-lo consciente das suas limitações:

"I am aware that the time of my tour was too short and my opportunities of observation too limited [...] and moreover, [...] I laboured under a great disadvantage in being ignorant of the language [...]" ("Preface", p. V)

No entanto, o autor defende-se das críticas que lhe poderiam vir a ser feitas ao comunicar-nos no prefácio da obra que nas suas deambulações por terras portuguesas teve por companheiro de viagem um outro pastor anglicano, de nome John Mason Neale, esse sim um homem profundamente conhecedor de Portugal, como Oldknow nos diz:

"[...] my fellow-traveller, the Rev. J.M.Neale, Warden of Sackville College, East Grinstead, who had not only visited the

⁽¹⁸⁾ *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*. Paris, Librairie Honoré Champion, 1927.

⁽¹⁹⁾ *They Went to Portugal*. London, Jonathan Cape, 1946.

country before, but, in addition to his other eminent accomplishments, is well-acquainted with its language, its literature, and its history, both civil and ecclesiastical.” (“Preface”, p. VI)

Oldknow não esconde que foi Neale quem escolheu o itinerário que ambos seguiram e que muito do conteúdo do seu livro se deve a informações colhidas junto do amigo. Mas é precisamente essa dívida a melhor garantia de veracidade que Oldknow crê poder oferecer aos seus futuros leitores, pois estes saberão que o autor não se limitou a emitir opiniões pessoais mas foi secundado por alguém familiarizado com a cultura portuguesa, Neale, o qual procedeu ainda à leitura e revisão do texto dado à estampa com o título *A Month in Portugal* (“Preface”, p. VI).

Não foi difícil descobrir dados sobre este Reverendo Neale que Oldknow apresenta como a autoridade que cauciona a honestidade das suas palavras. O *Dictionary of National Biography* ⁽²⁰⁾ refere-se com alguma extensão a John Mason Neale, um religioso nascido em Londres a 24 de Janeiro de 1818 e falecido em East Grinstead no dia 6 de Agosto de 1866, local onde desde o ano de 1846 desempenhou as funções de director do Sackville College, uma instituição de caridade fundada em 1608 por Robert Sackville, 2º Conde de Dorset. Homem gentil, muito apreciado por um círculo de amigos devotados entre os quais se contaria por certo Joseph Oldknow, bastante culto, dominando cerca de vinte línguas, Neale não viveu a sua vocação sem sobressaltos, pois a sua crença nas doutrinas e rituais da Igreja Alta Anglicana (*High-Church*) e o seu apoio ao Puseísmo ⁽²¹⁾ valeram-lhe muitos opositores que chegaram mesmo a usar de violência física contra a sua pessoa. No entanto, Neale conseguiu levar uma existência feliz, dedicada à Igreja, à família e à assistência aos pobres, orfãos e desamparados, tendo ainda no seu tempo alcançado alguma projecção como escritor. Para além de ter sido

⁽²⁰⁾ *The Compact Edition of the Dictionary of National Biography*. Vol. I. Oxford, O.U.P., 1975, p. 1467.

⁽²¹⁾ PUSEÍSMO: nome dado ao Movimento de Oxford (*Oxford Movement*, também chamado *Tractarian Movement*), dirigido por Edward Pusey (1800-1882), professor de hebreu em Oxford. Este movimento religioso, ocorrido no seio da Igreja Anglicana, centrou-se em Oxford e decorreu entre 1833 e 1845, data em que um dos seus líderes mais eloquentes, John Henry Newman (1801-1890), aderiu à Igreja Católica Romana. Eram as seguintes as ideias defendidas pelo movimento: “Some of the leaders of the Church of England realized (especially after the Act of Catholic Emancipation, 1829) that the Church was by its constitution largely at the mercy of the state, and was in danger of becoming in essentials a department of the state. The Oxford Movement preached that the Church had its independent, spiritual status, was in direct descent from the medieval Catholic Church, and represented a ‘middle way’ between post-Reformation Catholicism and Protestantism. The movement’s propaganda was conducted through tracts, many of them by John Newman, and culminated in *Tract XC* which asserted that the Thirty-nine Articles, on which Anglican doctrine is based, are compatible with Roman Catholic doctrine.”: in CHRISTOPHER GILLIE, *Longman Companion to English Literature*. 2nd edition. London, Longman Group Ltd, 1980, p. 692.

colaborador de vários jornais, a sua vasta produção literária inclui traduções de poemas latinos e gregos, versos originais em latim e inglês, obras teológicas, contos e livros para jovens, sobretudo de carácter histórico, e também, surpreendentemente, um guia para viajantes em Portugal.

De acordo com a sua biografia, Neale tinha uma saúde frágil e, em 1843, na companhia de sua mulher, Sarah Norman Webster, rumou à ilha da Madeira no intuito de se fortalecer. Diz o *Dictionary of National Biography* que durante os três anos seguintes o casal viveu entre a Madeira e a Inglaterra e daí admirá, portanto, o interesse de Neale por Portugal. Segundo nos diz Rose Macaulay⁽²²⁾, foi em Maio de 1853 que Neale se deslocou pela primeira vez ao continente português, na simpática companhia do Bispo Forbes, do Cônego H.L. Jenner e do Dr. J.H. Rogers, a fim de praticar « eclesiologia» (ou seja, visitar igrejas) e escrever não só alguns artigos sobre igrejas para o jornal *Ecclesiologist* mas também um guia de viagens sobre o nosso país que lhe fora encomendado pelo editor londrino John Murray, especializado na publicação de obras do género.

Apesar dos incómodos que experimentou e não deixou de registar, a viagem deve ter-lhe sido agradável por quanto regressou a Portugal logo na Primavera do ano seguinte (talvez para completar a recolha de dados para o guia turístico sobre o nosso país), 1854, desta feita acompanhado por Joseph Oldknow, “a very tolerable companion, though he minds roughing it a great deal more than a traveller in Portugal ought.”⁽²³⁾

As estadas na Madeira entre 1843 e 1846 e as duas viagens ao Continente em 1853 e 1854 que acabámos de referir terão, pois, proporcionado a Neale um conhecimento razoável de Portugal e, a fazermos fé nas palavras de Oldknow, embora não dispunhamos de qualquer outra fonte, podemos ainda colocar a hipótese de ele ter cá vindo outras vezes e aqui permanecido por longos períodos, visto que a páginas 37 do seu relato Oldknow nos diz que o seu companheiro de excursão “had resided many years in Portugal”.

Por coincidência, foi em 1855, exactamente no mesmo ano em que saiu o volume de Oldknow, que foi posto à venda no mercado livreiro o *Handbook for Travellers in Portugal*⁽²⁴⁾ de Neale, mas sem a assinatura do autor. Saliente-se, antes do mais, a enorme projecção desta obra que passou por sucessivas reedições (1856, 1864, 1875, 1885, 1887...) e se foi adaptando aos novos tempos. Enquanto é de supor que a narrativa de Oldknow terá tido pouco impacte, a avaliar pela ausência de reedições e escassez de referências a ela feitas, outra sorte estava destinada ao livro de Neale, que se tornou de imediato o guia para os

(22) Edição consultada: *They Went to Portugal*. Harmondsworth, Penguin Books, 1985, pp. 207-211.

(23) Citado por ROSE MACAULAY, *Ibidem*, p. 208.

(24) Referência bibliográfica completa: [John Mason Neale], *Handbook for Travellers in Portugal. With a travelling map*. London: John Murray. Paris: A. & W. Galignant and Co.; Stassin and Xavier, 1855.

turistas britânicos que posteriormente visitaram Portugal. Diz Rose Macaulay:

"It is one of the best [books on Portugal] that exists, and ran into many editions; every wise traveller to Portugal has taken it with him ever since." (25)

Estamos assim perante duas obras sobre Portugal compostas por dois pastores anglicanos que percorreram o país juntos (embora Neale já o tivesse feito antes mais extensamente), o que desde logo nos impele para a comparação, no intuito de detectar as semelhanças e diferenças de apreciação entre dois indivíduos que tiveram oportunidade de observar e reagir em simultâneo à mesma realidade estrangeira. A nível da organização interna são, porém, dois livros de características muito distintas. O primeiro, de Oldknow, apresenta uma estrutura de itinerário (26), e nele o autor vai descrevendo cronologicamente o seu percurso e as peripécias por que passou. Abundam as anotações impressionistas, e os muitos episódios anedóticos que concorrem para ilustrar e comprovar as informações sobre Portugal poderiam ter tido uma presença ainda mais forte, não fora o facto de o autor ter perdido, nas imediações da Serra da Estrela, um dos objectos mais indispensáveis ao viajante assumido: o seu livrinho de apontamentos. (27) Esse infeliz acaso impossibilitou-o, pois, como ele próprio confessa nas páginas 89 e 90, de reproduzir mais incidentes curiosos e divertidos, bem como de fazer descrições de outros lugares e cenas que acabou por esquecer ou que, na altura em que redigiu a sua obra, recordava já sem os pormenores que os tornariam interessantes para o público leitor. Ainda assim, a riqueza de pormenores e de pequenas histórias, aliada a um humor que não deixa de ser fortemente crítico, são, a nosso ver, as componentes mais cativantes deste relato que Oldknow dedicou a Portugal.

Quanto ao *Handbook for Travellers in Portugal*, a sua própria qualidade de guia de viagens determina-lhe a estrutura. Embora a tradição deste género de obras fosse antiga, como já tivemos oportunidade de realçar, o guia de viagem tal como o entendemos hoje, bem organizado, de fácil consulta e contendo informações minuciosas e

(25) *Ibidem*, p. 209.

(26) Esta é a estrutura mais comumente adoptada pelos autores de livros de viagens e pode apresentar três formas: a de uma narrativa contínua (é o caso de *A Month in Portugal*), a de um diário, ou então a forma epistolar. A opção por uma narrativa que siga, sem sobressaltos, a cronologia do percurso tem a sua vantagem: "The chronological structured book proceeds as the traveller did, letting the reader enjoy the sense of actually accompanying the writer from place to place." in MARY SUE ROBINSON MORRILL, *The British Literary Traveller on the Continent, 1795 to 1825*, dissertação de doutoramento apresentada à New York University, 1975, p. 346.

(27) Outros objectos considerados imprescindíveis por estes viajantes aventureiros eram o pedómetro, o telescópio, o barómetro, vidros coloridos através dos quais se observavam as paisagens, guias de viagem, agendas, blocos de desenho, estojos de aguarelas, penas e lápis, mapas e relatos de outros viajantes que sobre as mesmas regiões já tinham escrito.

exactas, só surge verdadeiramente no século XIX, à medida que se vai anunciando o fenómeno de massas a que chamamos turismo. Em Inglaterra inicia-se precisamente com a publicação da famosa série *Murray's Handbooks for Travellers*, de que o volume de J. M. Neale sobre Portugal é um exemplo. ⁽²⁸⁾ Pensados para poderem responder às mais diversas necessidades e interesses, estes livros apresentavam-se, como o nome indica, em forma de pequenos e práticos manuais que tinham uma enorme procura, como provam as inúmeras reedições que deles se fizeram.

Uma leitura do *Handbook for Travellers in Portugal* permite-nos apreciar o modo como este guia foi cuidadosamente planificado. Para além da profusão de informações concretas, de carácter utilitário, absolutamente indispensáveis aos forasteiros, procura-se abranger igualmente os mais relevantes aspectos culturais do país em questão, de forma a fornecer ao viajante os conhecimentos básicos para uma melhor e mais clara compreensão da realidade estrangeira visitada. Escrito em tom impessoal, como é próprio do género, a linguagem descritiva deste roteiro é simples, precisa, directa, e, de quando em vez, deparamos com comentários divertidos que nos deixam adivinhar um Neale bem humorado e irónico.

A presente obra tem início com a lista das estradas que o autor considerou como as mais interessantes a percorrer por quem esteja de visita a este país ibérico (p. VII), ao que se segue um capítulo introdutório a que Neale deu o título de "Preliminary Remarks" e que constitui uma das secções mais importantes e curiosas do *Handbook for Travellers in Portugal*. Neale começa por lembrar ao turista que Portugal é o país da Europa que os ingleses menos conhecem devido à falta de bibliografia de confiança a ele respeitante; para quem pudesse colocar objecções a esta afirmação fazendo valer os muitos relatos de viagem sobre o nosso país escritos por britânicos, Neale apressa-se a dispensá-los por não serem rigorosos:

"[...] the tours of English travellers are for the most part so inaccurate as to be worse than nothing [...]" (p.IX).

Face a esta ausência de informação, e para que não se criem falsas expectativas, o autor deixa desde logo muito claro que uma viagem a Portugal só deverá ser empreendida quando estiverem satisfeitos três requisitos absolutamente obrigatórios: 1.º gozar de boa saúde, de forma a suportar, num mesmo dia, grandes amplitudes térmicas, a contentar-se com uma alimentação extremamente pobre, só à base de broa e vinho verde, e a pernoitar em tão más estalagens que em Inglaterra não serviriam nem para lá deixarmos um animal de estimação; 2.º ter bom temperamento, sendo a paciência dez vezes mais necessária em Portugal do que em qualquer outro lugar devido à especificidade do carácter dos portugueses:

⁽²⁸⁾ Os guias *Baedeker*, *Fodor* e *Michelin* são outros exemplos de séries de prestígio que comprovam a vitalidade e o alto grau de aperfeiçoamento que este género de obras atingiu devido ao seu papel importante no contexto da indústria turística.

"[...]not only because a Portuguese will not be hurried, and will do your work in his own way and at his own time, but because, though the easiest of all people to be led, he is the worst to be driven; and when in a passion sometimes becomes dangerous."(p. IX);

3º escolher bem a época do ano para a viagem, sendo Abril o melhor mês por o calor não ser excessivo e as nuvens primaveris projectarem sobre os montes e vales sugestivos jogos de sombras que lhes dão grande beleza.

Postas estas condições, Neale passa à abordagem de aspectos gerais como as formas de alcançar Portugal (por via terrestre, vindo de Espanha, ou por via marítima, utilizando os vapores tri-mensais que saem de Southampton), a sua geografia, a salubridade do clima, a divisão do território em seis províncias (Trás-os-Montes, Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, Alentejo e Algarve), uma tábua cronológica dos mais significativos acontecimentos da História de Portugal ⁽²⁹⁾, uma breve resenha das ordens militares e religiosas, sem esquecer mesmo um longo parágrafo sobre o Sebastianismo, entendido como "the most extraordinary superstition that ever prevailed in any civilised nation" (p. XXIII).

A questão da língua é igualmente tratada nesta primeira parte do manual, alertando Neale de imediato para a autonomia do português face ao espanhol:

"It is a common but most erroneous opinion that Portuguese is merely a corrupted dialect of Spanish [...]" (p.XXXI)

O autor tem a sensibilidade suficiente para prestar atenção às peculiaridades da nossa língua, e é curioso encontrarmos aqui apontamentos sobre a troca do «b» pelo «v» na região Norte do país, a força dos diminutivos ⁽³⁰⁾ ou as palavras que não só os portugueses mas também o próprio Neale consideram como intraduzíveis para qualquer outra língua: "saudade", "geyto", "menino", "mavioso" e "rosicler".

Visto que, à excepção de Lisboa e Porto, as línguas estrangeiras como o inglês e o francês são totalmente desconhecidas da população

⁽²⁹⁾ Neale lamenta que Robert Southey não tenha completado o seu projecto de escrever uma História de Portugal: "It must always be a subject of deep regret to the English reader that the history of Portugal, to which Southey had devoted so much time, labour, and thought, was never completed. His materials were such as no other person, not a native, can possibly accumulate again." (p. XIX). De facto, Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês, escreveu não só *History of the Peninsular War* (1823-1832) mas também *The History of Brazil* (1810-1819), obra que lhe valeu a distinção de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada por vontade expressa da Rainha D. Maria II e originalmente concebida como apenas uma das partes que deveriam constituir a sua *History of Portugal*. Southey chegou, efectivamente, a escrever uma História de Portugal que cobria os anos de 1063 a 1583 mas o parapeiro do manuscrito permanece até hoje desconhecido.

⁽³⁰⁾ "For example, *cabra branca* is a white goat; we may diminish the expression thus — *cabrito* is a kid; *cabritinho* is a little kid; and, not content with *cabritinho branco*, we may say *cabritinho branquinho*." (p. XXXII)

e nem mesmo os guias as falam, Neale avisa que é absolutamente necessário ao viajante estudar os rudimentos do português. Assim, inclui, no final desta introdução, duas páginas contendo noções gerais de gramática ⁽³¹⁾ e um vocabulário (pp. XXXVII-LXI) relativamente extenso e diversificado, de muita utilidade para o inglês em trânsito por Portugal. Do grande número de palavras, expressões, perguntas e respostas, podemos destacar, a título de exemplo, o léxico respeitante à alimentação, vestuário, alojamentos, compras, horas, distâncias, etc., sendo a lista de vocabulário sobre cavalos, curiosamente, a mais longa, o que se explica por serem estes animais, juntamente com as mulas, os principais meios de transporte à disposição dos viajantes.

Os forasteiros podem ainda contar com as diligências que fazem as ligações Porto-Braga, Lisboa-Elvas- Badajoz e Lisboa-Coimbra e com um vapor que a intervalos incertos faz o percurso Lisboa-Porto mas, na verdade, as montadas constituem o meio de locomoção fundamental num país de péssimas estradas:

“Portugal is behind every other European country in its roads; or rather in those tracks and watercourses which, by courtesy, are called so.” (p. XIV)

Melhores tempos no entanto se avizinham, pois o autor anuncia que estão projectadas para breve várias vias-férreas (p. XV) e boas estradas macadamizadas, algumas das quais se encontram já em fase de construção (p.XV).

Os incómodos com que o viajante se depara em Portugal não se prendem, porém, apenas com os meios de transporte e as vias de comunicação. O autor alerta também para a escassez de estalagens:

“The question is not, which is the best inn, but whether there be an inn at all.” (p. XVII)

e a falta de condições das mesmas:

“It is the sitting-room which will form the traveller's quarters: fowls having been untied from the table-legs, children removed, and perhaps a pig or two kicked out, he may then order up his luggage, and he will probably have the advantage of being able to contemplate the sky between the tiles, and to keep an eye on the mules through the crevices in the floor.” (p. XVII)

⁽³¹⁾ Diz Neale que estas noções gerais de gramática foram retiradas do *Handbook for Colloquial Portuguese* com autorização do seu autor, o Reverendo Alexander James Donald D' Orsey (1812-1894). Só nos foi possível encontrar referência à 2.ª edição de: *Colloquial Portuguese; or the words and phrases of every-day life... for the use of English tourists and visitors in Portugal, the Brazils, Madeira, and the Azores. With a brief collection of epistolary phrases ... Second edition, considerably enlarged.* (London, Longman, Green, Longman, & Roberts, 1860). Contudo, poucos anos antes da publicação da obra de Neale, A. J. D. D' Orsey publicara: *A practical grammar of Portuguese and English...* (Lisbon, 1852) , gramática que viria a ter uma reedição ainda na mesma década: *A practical grammar of Portuguese and English... by the Rev. Alex. J. D. D' Orsey ... assisted by Sr. Marcellano R. de Mendonça.* (London, Rolandi, 1859).

É evidente que em hospedarias como estas o forasteiro era inevitavelmente perturbado por uma numerosa fauna nocturna — pulgas, percevejos, baratas — que os estrangeiros de visita a Portugal não se cansaram de lamentar amargamente.

Outra dificuldade séria diz respeito à comida que, em muitas regiões do país, escasseia:

"[...] the question is frequently not between good and bad food, but between eating and going without." (p. XVII)

Ainda assim, o leitor fica informado de que os ovos não são difíceis de encontrar, os peixes como a pescada, a truta, a lampreia e o salmão são óptimos e a sardinha a melhor do mundo, os queijinhos de cabra são particularmente bons, os doces abundantes, a fruta é de excelente qualidade, destacando-se os morangos, as cerejas, as ginjas, as laranjas, as ameixas de Elvas e os figos do Algarve, gozando até as duas últimas espécies de uma reputação europeia e, finalmente, o vinho pode ser adquirido em qualquer lugar.

Para evitar um jejum forçado o viajante é aconselhado a munir-se antecipadamente de alguns alimentos, pois poderá ter de percorrer muitos quilómetros até encontrar uma venda e as distâncias em Portugal são extremamente enganadoras:

"Portuguese distances are reckoned by leagues (legoas), but what a league is, it would puzzle a lexicographer to say." (p. XVI)

Aludindo à distinção feita pelos portugueses entre léguas longas e léguas pequenas, não é sem humor que Neale se refere à diferença de comprimento das mesmas, consoante a província em que o forasteiro se encontra:

"The leagues of Alemtejo have the reputation of being the longest, and those of Traz os Montes the shortest: the writer, however, must confess that he was never able to discover the shortness of the latter." (p. XVI) ⁽³²⁾

Este tipo de informações pragmáticas, a que foram acrescentadas outras sobre moedas, pesos e medidas, por exemplo, surgem na introdução ao *Handbook for Travellers in Portugal* de mistura com parágrafos que procuram fazer um enquadramento cultural, impondo-se desde logo uma conclusão: ao subdesenvolvimento técnico e económico corresponde uma igual pobreza artística. Remetendo o leitor para a única obra de mérito existente sobre este assunto, *Les Arts en Portugal* do Conde A. Raczynski ⁽³³⁾, Neale afirma:

⁽³²⁾ Oldknow também mostra a sua estranheza acerca da inexactidão com que a palavra «légua» é usada: "A league is usually reckoned about four English miles, but in Portugal this measure varies so much in length [...] that to be told of a distance in leagues [...] affords often a very indefinite idea of the ground to be actually passed over." (p. 10)

⁽³³⁾ A. RACZYNSKI (Conde), *Les Arts en Portugal*. Paris, Jules Renouard et Cie., 1846.

“The volume of Count Raczynski [...] proves how little, in the way of artistic skill, can be discovered by the most diligent and persevering investigator.” (p. XXVII)

Para comprovar a veracidade destas palavras mencionam-se duas áreas específicas, a da pintura e a da literatura: no que diz respeito à primeira, verifica-se a inexistência de pintores portugueses de reconhecida categoria, à exceção de Grão Vasco e, quanto à segunda, abunda em obras religiosas, muitas delas sobre questões extravagantes e sem qualquer interesse, escasseando os livros raros e curiosos que os viajantes sempre gostam de adquirir. Se nestes “Preliminary Remarks” Neale não se detém nos nomes dos mais destacados autores literários portugueses, embora venha a fazê-lo mais adiante a propósito de lugares que visitou, fornece contudo uma boa bibliografia, quer portuguesa, quer estrangeira, das obras disponíveis sobre Portugal que foi por certo de grande utilidade a todos quantos se quiseram documentar sobre o nosso país a partir de então. Os livros referenciados no parágrafo intitulado “Works on Portugal” (pp. XXIV-XXVIII) vão desde a História de Portugal, elogiando-se, entre os historiadores, a figura de Alexandre Herculano, passando pelas histórias eclesiásticas e militares, pelas obras de carácter geral e consulta obrigatória como o *Mappa de Portugal Antigo e Moderno* do Padre João Bautista de Castro⁽³⁴⁾ e o *Essai statistique sur Portugal* de Adrian Balbi⁽³⁵⁾, para terminar com uma listagem dos mais significativos relatos de viagem sobre Portugal, onde vamos encontrar viajantes bem nossos conhecidos, como Murphy, Ruders, Southey, Link, Marianne Baillie, entre vários outros (pp. XXVII-XXVIII).

A resenha do conteúdo do capítulo introdutório do *Handbook for Travellers in Portugal* que acabámos de fazer teve por objectivo pôr em evidência o modo como o Rev. Neale evitou criar grandes expectativas naqueles que se preparavam para visitar Portugal. Ao lerem antecipadamente este guia, os futuros viajantes vinham já alertados para as dificuldades que teriam de enfrentar e conscientes do pouco que este país ibérico tinha a oferecer em termos culturais. Sendo uma nação católica, nem mesmo possuía uma riqueza em igrejas que merecesse a atenção de todos aqueles que, como os reverendos Neale e Oldknow, eram grandes apreciadores da arquitectura religiosa:

“No European country has less interesting ecclesiology than Portugal [...]” (p. XXX)

Face a este panorama de pobreza generalizada poderíamos pensar que o turista seria rapidamente levado a desistir da sua viagem, mas o

(34) Neale refere a 2.ª edição, de 1762-1763, desta valiosa obra, preferível à 1.ª, de 1745-1758, por ter sido revista e aumentada pelo autor.

(35) Neale considera ser esta obra uma das melhores que já se escreveram sobre Portugal: *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe, et suivi d'un Coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les Portugals des deux Hémispheres*. Paris, Rey et Gravier, 1822.

presente manual assegura-lhe em tom enfático que a paisagem portuguesa vale, por si própria, a deslocação e é praticamente o único atractivo do nosso país:

“The great attraction of Portugal is its scenery, and few would think of visiting it with any other object.” (p. XXVIII)

Completamente rendido aos seus encantos naturais, à semelhança de muitos outros estrangeiros e também do seu amigo Oldknow, Neale não poupa elogios a Portugal neste domínio e, antes de passar ao seu roteiro turístico, resume os inconvenientes e as decepções que esperam o viajante, para logo de seguida o tentar com a promessa de um percurso por terras de singular beleza:

“He [the tourist in Portugal] must be prepared for the worst accommodation, the worst food, and the greatest fatigue, and he must not expect much that can interest in the way of architecture, ecclesiology, or the fine arts. But to one who is in pursuit of scenery, more especially to the artist, no other country in Europe can possess such attractions and such freshness of unexplored beauty.” (p. XXXV)

Sendo este o principal aliciante de Portugal, não admira, pois, que a propósito dos itinerários recomendados no *Handbook for Travellers in Portugal* sejam postas sempre em destaque as maravilhas paisagísticas de cada região, retratadas invariavelmente através de uma adjectivação enaltecadora, ao mesmo tempo que se descreve a localização geográfica de cada lugar, as respectivas associações históricas, o número de habitantes, as estradas, os edificios (igrejas, palácios, hospitais, prisões...), os monumentos, as praças, as estalagens que mais convêm ao viajante, enfim, o que vale a pena visitar.

Para além dos dados objectivos e úteis, o leitor deste guia encontra também aqui referências bibliográficas sobre os diferentes locais e os acontecimentos e personagens históricas que a eles estão ligados, e, de quando em vez, a prosa descritiva é entrecortada por excertos de poemas portugueses relacionados, quer pela autoria, quer pelo conteúdo, com a região que está a ser abordada. Tais trechos de poetas como Camões, Almeida Garrett, Francisco Rodrigues Lobo, Sá de Miranda e Gil Vicente (“the Portuguese Plautus”, p. 152) provam que Neale levou o seu interesse por Portugal ao ponto não só de se informar com alguma profundidade acerca da nossa literatura, mas de exercer sobre ela o seu sentido crítico, sempre acompanhado pelo humor que lhe é característico:

“Coimbra was the birthplace of Sà de Miranda, who perhaps claims the second place among Portuguese poets, notwithstanding the harshness of his verses, which gave occasion for the critic Manoel de Faria e Sousa to declare, with more point than truth, that Francisco de Sà was an excellent poet for all people who were getting deaf.” (p. 110)

O *Handbook for Travellers in Portugal* encontra-se dividido em sete secções: "Lisbon" (pp. 1-34), "Alemtejo and Estremadura Transtagana" (pp. 35-52), "Kingdom of Algarve" (pp. 53-65), "Estremadura (North of the Tagus)" (pp. 66-101), "Beira" (pp. 102-131), "Entre Douro e Minho" (pp. 132-158) e "Traz os Montes" (pp. 159-175). A primeira delas, exclusivamente dedicada à capital, obedece a uma arrumação temática e nela o leitor obtem informações sobre hotéis (o melhor é o *Bragança*, onde se fala inglês), restaurantes, cafés, correio, aluguer de carruagens e respectivos preços, horário dos vapores que saem da Praça do Comércio e preços dos bilhetes, divertimentos públicos (teatros, tourada), imprensa periódica, jardins (são poucos e muito inferiores aos ingleses, revelando que os portugueses não se interessam pela arte da jardinagem), igrejas (descrição pormenorizada dos interiores e crítica à forma apressada como é celebrada a missa, única excepção feita aos serviços religiosos do Colégio dos Inglesinhos), palácios, praças, largos, mercados, hospitais, cemitérios, prisões, etc., etc., sendo destacados, pela sua magnificência, o Aqueduto das Águas Livres e, pelo seu aspecto típico, os chafarizes. Estes últimos proporcionam, nas palavras de Neale, uma das cenas mais pitorescas de Lisboa, dada a multidão de aguadeiros, na sua maioria galegos, que à volta deles se reúne. À semelhança de muitos forasteiros que escreveram sobre a capital portuguesa, também o autor do presente guia turístico ficou impressionado com o grande número de galegos existente na cidade fazendo não só o transporte de água mas, na verdade, todos os trabalhos pesados que os alfacinhas recusam. A honestidade e a diligência destes homens é, aliás, sublinhada, por oposição à arrogância dos lisboetas que a este propósito tinham mesmo criado um provérbio: "God first made the Portuguese, and then the Gallego to wait upon him." (p.29).

A imagem que nos fica da Lisboa retratada por Neale é a de uma capital que goza de uma bonita localização geográfica, um bom clima, uma longa história e que nos últimos trinta anos tem conseguido uma série de melhoramentos que alteraram completamente a sua fisionomia ⁽³⁶⁾:

⁽³⁶⁾ Para um melhor conhecimento de Lisboa Neale aconselha aos seus leitores a consulta de duas outras obras, ambas descrições gerais da capital portuguesa: *Itinerario Lisbonense* (de Inácio Paulino de Moraes), muito útil para a localização das ruas de Lisboa, e *The Lisbon Guide*, uma iniciativa do Colégio dos Inglesinhos publicada por Luís Correia da Cunha, editor responsável pela publicação de muitos romances portugueses na década de 50 do século XIX, nomeadamente os de Alfredo Possolo Hogan (1830-1865). Quando Oldknow visitou o Colégio dos Inglesinhos o Presidente daquela instituição presenteou-o com esta obra, compilada sob direcção sua, pedindo desculpa pelos vários erros que continha (*A Month in Portugal*, p. 156). Camilo Castelo Branco referiu-se ao *Lisbon Guide* (2ª edição, Lisboa, 1853) nos seguintes termos: "Com 7 estampas e muitas tolices. No artigo «litteratura» especialisa na mystica frei Alexandre de Gusmão, e na poesia lyrica frei Manoel de S. José, que o leitor e eu conhecemos tanto como a frei Alexandre. Não tem noticia de Herculano; mas sabe que um dos primeiros historiadores portugueses é Paes Veigas (Viegas, talvez). Ouvi dizer que era padre o author do livro; conheceu Castilho e escreve-lhe largamente a biographia. Nas descrições é exacto e noticioso." in *Narcóticos*. Vol. II. Notas bibliographicas, historicas, criticas e humoristicas. Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1920, p. 41.

"The dirt, the beggars, and the dogs which the description of travellers have led the stranger to expect, are gone; and the first impression of the stranger will probably be that it is the cleanest as well as the most splendid looking city that he has seen. The streets have undergone as great a change in regard to their condition by night as to that by day. The traveller has now no chance of relating his adventures with assassins and robbers." (p. 9) ⁽³⁷⁾

No entanto, se as infra-estruturas vão merecendo a atenção dos governantes, há ainda muito a fazer na área cultural, pois as bibliotecas estão desorganizadas, as livrarias, embora numerosas, são de fraca qualidade, não existem à venda livros estrangeiros, nomeadamente ingleses, e as salas de exposições de pintura como as da Academia de Belas Artes e do Museu Real evidenciam a falta de talento dos portugueses para essa arte e o seu fraco sentido estético:

"The admiration bestowed on very indifferent representations of cabbages, onions, and salt fish, affords a sad proof of the want of true artistic feeling in Portugal." (p. 16)

Conduzindo o leitor, a partir da página 35, para longe de Lisboa, em direcção às várias províncias portuguesas, Neale continuará a descrever-lhe um país pobre em manifestações artísticas, mas rico naquilo que o britânico em viagem de recreio busca avidamente: o pitoresco. As secções II e III do *Handbook for Travellers in Portugal* são ocupadas pela informação referente às regiões a sul do Tejo que Joseph Oldknow não visitou quando aqui esteve em 1854 por não fazerem dessa vez parte do itinerário traçado pelo seu companheiro de passeio.

Em comparação com o Norte, o Alentejo e o Algarve pouco têm a oferecer ao estrangeiro. O primeiro, a zona menos populosa e menos bonita do território português, encontra-se ao abandono ou subaproveitado e nele há apenas a destacar Évora, a terceira cidade do país em termos de atracção turística, imediatamente a seguir a Coimbra e Tomar (pp. 48-50), e a beleza muito própria das vastas charnecas alentejanas (p.35). Quanto ao segundo, apesar de desinteressante do ponto de vista das antiguidades, é a região que merece mais a atenção dos naturalistas pelos seus animais (lobos, javalis, camaleões, grous,

⁽³⁷⁾ Opinião semelhante formou Oldknow (*A Month in Portugal*, pp. 131-132) e também o contista dinamarquês Hans Christian Andersen quando visitou Lisboa doze anos mais tarde, em 1866: "Por todas as descrições de Lisboa com que deparei, formara para mim próprio uma imagem desta cidade, mas a realidade foi bem outra, mais luminosa e bela. Fui obrigado a exclamar: — Onde estão as ruas sujas que vira descritas, as carcaças abandonadas, os cães ferozes e as figuras de miseráveis das possessões africanas que, de barbas brancas e pele tisonada, com nauseantes doenças, por aqui se deviam arrastar? Nada disso vi e quando dessas coisas falei, responderam-me que correspondiam a uma época de há uns trinta anos, de que muitas pessoas se lembravam ainda perfeitamente." in *Uma Viagem a Portugal em 1866*. Tradução e notas de Silva Duarte. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984, p. 39.

cisnes, perdizes, enormes serpentes e osgas ⁽³⁸⁾), árvores e plantas típicas (amendoeiras, figueiras, alfarrobeiras, cana-do-açúcar e palmeiras), para além das oliveiras, castanheiros e vinhas que tem em comum com o resto de Portugal (p.54). Província marítima por excelência, tendo na pesca do atum o principal ramo do seu comércio, é muito pouco visitada por forasteiros ⁽³⁹⁾, embora, como nos diz o autor, seja segura e não esteja infestada pelos salteadores que assolam as planícies do vizinho Alentejo (p.55). O perigo, contudo, espreira e provém da insalubridade do clima de algumas localidades, permanentemente expostas a febres epidémicas, como Aljezur e Quarteira. Pernoitar em lugares como estes poderá constituir um sério risco, e Neale reforça as suas advertências citando um inequívoco ditado popular:

“Quem ir ao ceo queira

Va-se primeiro a Aljezur ou á banda da Quarteira.” (p. 55)

Na globalidade trata-se, porém, de uma região que merece sem dúvida a visita, pois nela se situam dois dos mais grandiosos e admiráveis cenários naturais que o país possui: a Serra de Monchique e o Cabo de S. Vicente.

O mesmo sucede com a Estremadura, de que se ocupa a secção IV. Província de afamados vinhos (Bucelas, Carcavelos, Colares...) e de célebres laranjas (Setúbal), ali se concentram todos os lugares que interessam ao eclesiólogo: Belém, Santarém, Abrantes, Tomar, Alcobça e Batalha. Em relação aos monumentos que tornam famosas as três últimas localidades, Neale não lhes regateia elogios: “wonderful” (p.82) qualifica o Convento de Cristo, “the most interesting building in Portugal” (p.86) refere-se ao Mosteiro de Alcobça, onde se destacam os túmulos de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, “the most interesting monuments in the church and in the kingdom” (p.86) ⁽⁴⁰⁾, e os claustros do Mosteiro da Batalha “have no rival in Europe” (p. 94). Para além destes importantes motivos de interesse, a Estremadura possui ainda uma atracção turística que os românticos ingleses elegeram como um paraíso terreno: Sintra. O encanto desta serra provém não só da frescura das suas sombras e brisas e da variedade da vegetação, mas também do pitoresco jogo de contrastes das quintas e mansões espalhadas pelas encostas, propriedade da aristocracia portuguesa e dos comerciantes britânicos que ali buscam refúgio ao excessivo calor do

⁽³⁸⁾ Neale tem o cuidado de alertar os viajantes incautos para o perigo que representam as osgas: “The traveller, however, will do well to be on his guard against a really dangerous reptile, the *gecko*, or, as they here call it, the *osga*. The bite of this lizard, though not often mortal, is at all events dangerous, especially when inflicted on a stranger, feverish from travelling and from the heat of an Algarvese sky.” (p.54)

⁽³⁹⁾ Exactamente por o Algarve ser pouco procurado por estrangeiros, sempre que alguns deles o visitam despertam a mais viva curiosidade dos naturais: “[...] the traveller will find himself an object of the greatest interest, and will probably walk about a town with a tail of 20 or 30 of the inhabitants [...]” (p. 55).

⁽⁴⁰⁾ Sobre a fortuna literária do tema dos amores infelizes de Pedro e Inês consulte-se: MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA, *Inês de Castro — um tema português na Europa*. Lisboa, Edições 70, 1987.

Verão lisboeta. ⁽⁴¹⁾ Contudo, embora lhe seja reconhecida beleza, especialmente na Primavera, fica bem clara a opinião de que o Norte de Portugal apresenta aos olhos estrangeiros paisagens mais admiráveis do que Sintra:

“To compare Cintra with the generality of landscapes in Minho, or with the banks of the Zezere, or with Monchique, would be about as reasonable as to set up Richmond Hill as a rival to Skiddaw or to Snowdon. However, there is no doubt that the place, more especially in Spring, is excessively pretty [...]” (p. 67)

Idêntico juízo faz Oldknow no seu relato:

“ [...] I must confess, the scenery of Cintra somewhat disappointed me. This perhaps arose from the extravagant ideas I had conceived of it at a very early age, which, it may be, no scenery would have been able fully to satisfy: and again, from my having beheld views and objects during my present tour, with which what I gazed on here, beautiful as it was, would yet not stand a comparison.” (pp. 145-146)

Estas palavras têm um importante significado: por um lado, elas remetem para a imagem idealizada de Sintra que a literatura romântica difundira em Inglaterra e, por outro, alargam o horizonte de expectativa do viajante, dando-lhe a saber que Portugal possui outros lugares igualmente belos que deverão ser procurados, embora não tenham ainda sido consagrados pelos escritores.

É esse, exactamente, o caso da Beira e de Entre-Douro-e-Minho que ocupam, respectivamente, as secções V e VI deste manual, e, em muito menor escala, de Trás-os-Montes (secção VII), a menos visitada e a mais inhospita das províncias portuguesas. Quanto a esta última, o panorama geral que é apresentado ao hipotético viajante não é muito animador: acessos difíceis, clima desagradável, vendas miseráveis, cidades pequenas e pobres, vilas deploráveis e sujas, embora pudessem parecer bonitas à distância, agricultura incipiente e alfaías agrícolas totalmente ultrapassadas, habitantes honestos e de confiança mas taciturnos, rudes e semi-bárbaros como as terras infestadas por lobos que os circundam, hábitos retrógrados — “manners are at present more unchanged, than in any other part of Europe” (p. 159) —, poucas antiguidades e escassos produtos regionais (mel, batatas, melões e queijo), dos quais se destacam, no entanto, os bons e variados vinhos tintos e brancos.

Dado o gosto dos ingleses pelo vinho do Porto e o importante lugar que os negócios com ele relacionados têm ocupado nas relações comerciais entre Portugal e a Inglaterra, era praticamente obrigatório

⁽⁴¹⁾ Joseph Oldknow também faz referência a estas mansões e quintas, salientando o cuidado que os seus proprietários colocam no arranjo dos jardins: *A Month in Portugal*, p. 148.

que o *Handbook for Travellers in Portugal* incluisse um historial e pormenorizadas informações sobre esta bebida e, de facto, assim acontece. Entre as páginas 168 e 172 o leitor encontra não só uma referência bibliográfica considerada imprescindível para o conhecimento da região vinhateira, *The Oliveira Prize-Essay on Portugal* ⁽⁴²⁾ de Joseph James Forrester ⁽⁴³⁾, como explicações sobre o cultivo da vinha, todo o processo das vindimas, os nomes dos diferentes vinhos e as quantidades exportadas para Inglaterra.

Apesar de a pobreza e aridez desta província terem desde sempre afastado os forasteiros, tanto nacionais como estrangeiros, Neale faz valer dois aspectos que poderão aguçar o interesse dos turistas: por um lado, as superstições e credices populares que aqui se mantiveram mais fortes do que em qualquer outra zona do país e que o autor reputa de “poetical” (p. 160) — assembleias de bruxas à meia-noite, presididas por Satanás, lobisomens que vagueiam pela noite em cumprimento do seu fadário, mouras encantadas que assombram castelos em ruínas e guardam fabulosos tesouros — e, por outro, as belas paisagens agrestes (“savage in the extreme”, p. 159) de serras e rochedos escarpados, aparentemente parados no tempo, povoados por gente que desconhece todas as inovações técnicas e que faz o viajante sentir-se transportado à Idade Média.

Em relação à Beira e Entre-Douro-e-Minho, o autor destaca os lindíssimos cenários naturais do rio Zêzere (“wonderfully grand”, p. 125) e das margens do Mondego, inspirador de poetas e para sempre ligado ao destino trágico de D. Inês de Castro, cuja história é aqui contada e definida como “one of the most romantic passages in modern history” (p. 109). A Serra da Estrela merece-lhe também rasgados elogios, e Neale recomenda vivamente ao turista a sua escalada, de forma a que este possa contemplar do alto um panorama de beleza dificilmente ultrapassável e, sobretudo, as famosas lagoas, entre as quais a Escura se impõe pelas suas águas negras de profundidade incomensurável, origem de misteriosas lendas:

“The Lagoa Escura is certainly one of the most remarkable pieces of scenery in Europe. [...] The wildest legends are related of it — as that it has communication with the sea; that it is inhabited by a vast monster; that on its banks the bruxas hold their sabbath, &c.” (p. 123)

⁽⁴²⁾ London, John Weale/ Hugues, Printer, 1853; 2nd edition 1854. Esta obra é tida como muito importante para o conhecimento de Portugal (p. XXVI) e o seu autor considerado um dos maiores benfeitores do nosso país: “The author [Mr. Forrester] is not only more deeply acquainted with it [wine country] than any man living, but has entitled himself, by his indefatigable exertions to destroy monopoly and to remove commercial restrictions, to the title of a public benefactor of Portugal.” (p. 168)

⁽⁴³⁾ Joseph James Forrester nasceu na Escócia a 21/5/1809 e morreu afogado no rio Douro em 1861. Viveu muitos anos em Portugal, onde se dedicou ao comércio do vinho do Porto e D. Pedro V, no dia 20 de Abril de 1855, concedeu-lhe o título de Barão de Forrester. Sobre o Barão consulte-se: ROSE MACAULAY, *ibidem*, pp. 244-246. Nesta mesma obra encontramos igualmente um capítulo inteiramente dedicado à colónia inglesa residente no Norte de Portugal ligada ao comércio do vinho do Porto: “Port Wine”, pp. 229-252.

Não se escondem, porém, aos leitores, os custos de tal empreendimento. Trata-se de uma zona ainda pouco explorada, os acessos são difíceis e os homens que servem de guias aos turistas conhecem mal os caminhos da Serra, embora não o admitam:

“But the traveller must be warned on no account to trust himself to the guidance of his muleteer, though the latter should first invoke all the saints in the calendar to bear testimony to his perfect knowledge of the road, and then call on “six hundred devils” in his anger at being disbelieved.” (p. 122)

Todas estas contrariedades são, no entanto, compensadas pelo que este lugar tem de selvagem (escassez de vegetação, constituída apenas por zimbro rasteiro, e os muitos lobos que assolam estas paragens) e, simultaneamente, de idílico:

“The whole scene is like an Idyll from Theocritus; goatherds piping to their goats from the edges of rocks, shepherds watching their sheep by the side of the fountain, girls going out at evening with their pitchers for water.” (p. 122)

Os cães e os pastores da Serra são ainda outros motivos de interesse pelo seu aspecto típico. Os primeiros impressionam pelo tamanho e valentia que revelam nas lutas que travam com os lobos, e os segundos, pelo seu trajar, fazem lembrar personagens saídas de um romance de aventuras:

“The shepherds, with a sheepskin jacket, and breeches of goatskin covered with long hair, and ragged at the knees, look like so many Robinson Crusoes.” (p. 123)

Região de paisagens agrestes e de gente forte, rude e inculta (p. 102), as suas cidades não deixam, contudo, de possuir interesse cultural e duas delas são particularmente recomendadas ao viajante: Coimbra, pela riqueza arquitectónica e a Universidade (uma longa descrição do seu funcionamento e dos currículos dos diferentes cursos é feita nas páginas 106-108) e Viseu, por existir na sua Catedral a melhor colecção de obras do pintor Grão Vasco, a quem Neale chama “Portuguese Fra Angelico” (p. 118) e “the Giotto of Portugal”⁽⁴⁴⁾ (p. 15).

Se a Beira é capaz de causar uma boa impressão aos estrangeiros pelos seus encantos naturais — aliás, só por si compensadores do sofrimento por que passam os viajantes em Portugal: “the Lagoa Escura and the Lean Pitcher [Cântaro Magro] will repay any traveller for all the hardships of a journey to Portugal taken together.” (p. 123) — a região do Douro e, sobretudo, o Minho, merecem a Neale uma rendida homenagem e o epíteto de “Paradise of Portugal” (p. 132). Ao longo dos

(44) Neale deveria nutrir um grande gosto pela pintura pois por diversas vezes lamenta a pobreza desta arte em Portugal. Também Oldknow, quando visitou Viseu, se deteve nos quadros de Grão Vasco, tendo feito deles uma apreciação crítica: *A Month in Portugal*, pp. 78-79.

vários itinerários aconselhados ao forasteiro não são poupados elogios a estas terras e aos seus rios, como a introdução a este capítulo deixa antever:

"[...] it may well be doubted whether any other 240 square leagues in Europe can exhibit so much beauty. [...] All travellers have agreed in characterising Minho as exquisitely beautiful beyond anything they could have imagined. The scenery is as varied as it is lovely; the romantic mountains of the Gerez, the savage sea-coast between Caminha and Vianna, the pass between Amarante and Mező Frio, and, what is the chief feature of a Minhoto landscape, the wooded hills, glens, rocks, and water, between Braga and Valença, and more especially about Ponte do Lima, "the most beautiful scenery in the world."" (p. 132) ⁽⁴⁵⁾

Vai longa a citação, mas ela justifica-se porque o entusiasmo pelas paisagens do Norte de Portugal que se depreende destas palavras poucas vezes é expresso de forma tão arrebatada. Para além da magnificência dos cenários naturais, esta zona do país merece também ser vista pelos viajantes estrangeiros que se interessam por terras com importante significado histórico e religioso, como é o caso de Guimarães, berço da nacionalidade portuguesa, e Braga, aconselhando-se em relação a esta última uma visita ao Bom Jesus, "one of the most remarkable spots in the N. of Portugal" (p. 145).

O Porto é outra cidade que deverá ser ponto de passagem obrigatório, sobretudo para os ingleses, que assim poderão contactar com os compatriotas ali residentes. Não admira, pois, que o guia turístico redigido por Neale se detenha a descrever o edifício da Feitoria Inglesa e a capela e o cemitério dos ingleses, aconselhando-se uma troca de impressões com o respectivo capelão, o Reverendo Edward Whiteley, "a gentleman who is probably better acquainted with the scenery of the N. of Portugal than any other person now living, and whose courtesy in communicating his information to tourists is beyond all praise." (p. 139) ⁽⁴⁶⁾

Dado estarmos perante uma obra de referência objectiva, não encontramos aqui descrições sobre o modo de vida dos britânicos domiciliados no Porto ⁽⁴⁷⁾; no entanto, um pequeno apontamento como

⁽⁴⁵⁾ Pode dizer-se que Ponte do Lima foi o lugar que mais extasou Neale, a ponto de considerar as palavras insuficientes para descrever a beleza do local: "This [Ponte do Lima] is reputed to be the most beautiful place in the world [...] Travellers have found words fail them to express the beauty of the spot." (p. 146) Idêntico arrebatamento experimentou Oldknow que utiliza na sua descrição o adjetivo "magnificent": *A Month in Portugal*, p. 24.

⁽⁴⁶⁾ Rose Macaulay refere-se ao Rev. Edward Whiteley, caracterizando-o como um "amiable chaplain": *ibidem*, p. 242. Este inglês publicou uma obra que Neale menciona, mas que nada tem a ver com Portugal: *Macartodos; or, the happy Way in the short, but too often sorrowful, Journey of life*. London, Hamilton, Adams, 1853.

⁽⁴⁷⁾ No seu relato Oldknow também descreve a *English Factory House* e acrescenta apontamentos sobre as festas dispendiosas que as cerca de cinquenta famílias inglesas residentes no Porto ali dão (p. 48).

o que se segue, a propósito do movimento e do colorido da praia de S. João da Foz, é por si só capaz de chamar a atenção para o carácter isolacionista da colónia inglesa, fechada a contactos com os portugueses:

“The ladies are attended by bathing-men, and the gentlemen by bathing-women; and with the crowds of spectators, seated on chairs for their accommodation, the bright dresses of the bathers, the laughing and talking, it is a very pretty, though to an Englishman rather an extraordinary, scene. *The English ladies have a bathing-place to themselves at some distance from the rest.*” (p. 141) ⁽⁴⁸⁾

Este separatismo, que aliás caracteriza qualquer comunidade inglesa fixada fora da sua Ilha ⁽⁴⁹⁾, impede obviamente um conhecimento e um entendimento bem fundamentados das realidades estrangeiras e conduz, viciosamente, à repetição de opiniões estereotipadas e à permanência de preconceitos herdados do passado.

A visão de Portugal que nos fica da leitura do roteiro de Neale é, na sua essência, a reiteração da imagem de um país retrógrado, subdesenvolvido e sem as infra-estruturas capazes de proporcionar aos turistas uma estada agradável em termos de comodidade e asseio que outros viajantes vinham já divulgando em Inglaterra desde o último quartel do século XVIII. ⁽⁵⁰⁾

Eco de queixas e críticas com uma tradição de pelo menos oitenta anos, o autor do *Handbook for Travellers in Portugal* adverte, com algum sarcasmo, logo a abrir o seu guia, que quem se aventure a visitar o nosso país na data em que ele escreve depressa compreenderá que a palavra «travel» significa, simultaneamente, “a toil and a journey” (p. IX). No entanto, graças à boa disposição e condescendência que o caracterizavam, Neale conseguiu encarar com fleuma britânica as contrariedades das más estradas e das péssimas hospedarias, para se deliciar na contemplação estética da paisagem portuguesa e achar nela a recompensa para todas as dificuldades.

De idêntica resignação e paciência não se encontrava imbuído Joseph Oldknow quando aqui chegou em 1854 e, por isso, a sua apreciação resulta menos tolerante e muito mais severa, permeada por um humor por vezes irónico. Sem estar espartilhado pelas convenções

⁽⁴⁸⁾ Sublinhado nosso.

⁽⁴⁹⁾ Curiosamente, em *A Month in Portugal* Oldknow revela-se perfeitamente consciente deste traço distintivo do comportamento inglês no estrangeiro: “We called in the afternoon on some of our English friends, and observed that in the furnishing, arrangement and character of their rooms, they had retained the fashions of their own land. This, I believe, is almost universally done by our countrymen abroad, in whatever part of the world they may be.” (p. 36)

⁽⁵⁰⁾ O exemplo mais acabado de um relato de viagem detrador de Portugal é, sem dúvida, *Sketches of Society and Manners in Portugal* (London, 1787) de Arthur William Costigan (pseudónimo do escocês James Ferrier), obra que teve uma circulação assinalável na Grã-Bretanha e foi responsável pela criação de pré-conceitos relativamente à realidade portuguesa que vieram condicionar o modo como viajantes posteriores olharam o nosso país.

e exigências conteudísticas do guia de viagem, Oldknow sentiu-se à vontade para compor uma obra que alia à descrição objectiva o comentário impressionista sobre o que lhe é dado observar. Esta liberdade para emitir opiniões subjectivas que estava interdita a Neale logo à partida, dado o carácter impessoal da obra que lhe foi encomendada, faz de *A Month in Portugal* um livro que se lê com interesse e prazer, pois é com curiosidade que seguimos o autor e o seu companheiro de viagem nos passeios e atribulações por terras de Portugal. Além disso, a obra de Oldknow complementa a de Neale, no sentido em que, através dela, ficamos a par de informações, incidentes e episódios sucedidos durante a viagem que fizeram juntos e que o autor do *Handbook for Travellers in Portugal* não pôde registar por ultrapassarem o âmbito de um roteiro turístico.

É pelo relato de Oldknow que ficamos a saber, por exemplo, que os dois sacerdotes saíram de Southampton no dia 27 de Abril de 1854, rumo a Portugal, e que deixaram o nosso país exactamente um mês depois de terem chegado, em 29 de Maio. O itinerário seguido durante esses dias, após o desembarque em Vigo e a travessia do rio Minho, incluiu passagens por Caminha, Viana do Castelo, Barcelos, Porto, Vila Nova de Gaia, Santo Tirso, Guimarães, Amarante, Mesão Frio, Peso da Régua, Lamego, Viseu, Seia, São Romão, Aboço, Oleiros, Sertã, Tomar, Vila Nova de Ourém, Batalha, Santarém, Vila Franca de Xira e, por fim, Lisboa (com um passeio a Sintra), onde tomaram o vapor que os levou de novo à pátria.

Deste cansativo percurso pelo Norte de Portugal Oldknow deixou-nos descrições sobre a localização geográfica dos diferentes lugares e respectiva história (o que Neale faz mais completamente no seu guia), o número de habitantes, a paisagem, as estradas, as estalagens, as igrejas, etc., e também considerações de carácter geral sobre o povo português e seus costumes, a estagnação económica e cultural e os incómodos que os estrangeiros enfrentam durante as suas deslocações pelo país ⁽⁵¹⁾, tudo isto acompanhado por constantes comparações entre a realidade social portuguesa e a inglesa, do que resulta, normalmente, um enaltecimento da segunda ⁽⁵²⁾. Não raro, é-nos dito que as

⁽⁵¹⁾ Um exemplo de incómodo apontado por Oldknow é a obrigatoriedade de apresentação de um passaporte à entrada de Espanha e Portugal, quanto ao autor uma imposição infeliz que apenas serve "to occasion trouble and annoyance to travellers, and to extract money from their pockets." (p.4) O facto de, por outras vezes e para seu aborrecimento, ter tido de mostrá-lo às autoridades provinciais, fez com que Oldknow se regozijasse por a Inglaterra não aplicar tal sistema: "The passport system is really a most odious and absurd one. [...] We may well be proud that no such system of suspicion, vexation, and extortion is known in our own country [...]" (p.4).

⁽⁵²⁾ No *Handbook for Travellers in Portugal* este tipo de comparação raramente ocorre, mas observações como as que se seguem põem em evidência o mesmo sentimento de superioridade britânica: "As if it were not owing to the money and blood so profusely contributed by England that Portugal has not ceased to be reckoned among European nations, both in the time of D. Afonso VI, and also during the Peninsular War!" (p.51) Neste caso, trata-se de apresentar a Inglaterra como a defensora e libertadora deste seu velho allado, à qual Portugal deveria tanto quanto a sua independência nacional.

informações e opiniões transmitidas são da responsabilidade de Neale, limitando-se Oldknow a registá-las por lhe parecerem dignas de crédito; e a inevitável discussão e troca de pontos de vista entre os dois ingleses tem igualmente expressão nas respectivas obras, pois nelas vamos encontrar ideias idênticas sobre determinados assuntos e também a referência às mesmas pessoas e episódios⁽⁵³⁾. Estes pontos de contacto, decorrentes de um trajecto comum pelo território português, bem como a utilização, por parte de Oldknow, da primeira pessoa do plural ao longo de toda a narrativa, fazem que a sua obra acabe por funcionar não como veículo de um só pensamento mas, afinal, como o eco de duas vozes distintas, embora com formas muito semelhantes de ver Portugal.

As expectativas de ambos os viajantes ao pisarem solo português foram desde o início resumidas por Oldknow:

“We are naturally anxious to witness the peculiarities of its scenery, the manners, customs and dress of its inhabitants, the character of its habitations and public buildings; to test what we have heard and read of it, by what we see; and thus to correct and enlarge our ideas and increase our knowledge.” (p. 7)

Enriquecimento cultural e moral, conceitos tão caros à mentalidade vitoriana, eis, pois, o que buscavam estes dois clérigos ingleses que depressa compreenderam que fins tão altruístas não seriam atingidos em Portugal sem passarem primeiro pelo penoso calvário dos toscos caminhos, pomposamente chamados estradas, e das hospedarias mal apetrechadas de alimentos e sem condições de higiene. Estes aspectos, a que já fizemos menção quando abordámos o *Handbook for Travellers in Portugal*, não surjem contudo no livro de Oldknow como avisos lacónicos aos forasteiros incautos, mas sim como testemunhos de alguém que experimentou na carne os efeitos de cavalgar dias e dias sobre pisos tortuosos, lamacentos e escorregadios — “Indeed Portugal is noted for bad roads. [...] [they] seem designed to impede, as much as possible, the progress of man and beast and whatever else passes over them.” (pp. 24-25) — e pernoitar em estalagens sujas, desconfortáveis e infestadas de insectos parasitas:

“I soon found that there were other inhabitants of the bed than myself, who, I suppose, from their priority of occupation,

⁽⁵³⁾ Por exemplo, tanto Oldknow como Neale se referem ao Sr. Anselmo, o sacristão da capela do Desterro que lhes serviu de guia durante a subida à Serra da Estrela, e nenhum deles conseguiu evitar um comentário ao fétido difícil do velho: “We engaged as our guide over the mountains, old Anselmo, the Sacristan, who was thoroughly acquainted with the road, but a surly disagreeable old man [...]” in *A Month in Portugal*, p. 86; “Senhor Anselmo, the sacristan of the Desterro chapel, is a very safe though a slow guide, and not blessed with the sweetest of tempers.” in *Handbook for Travellers in Portugal*, p. 121. Outro exemplo ocorre quando os dois autores registam, desagradados, o costume português de colocar os estúbulos imediatamente por baixo do andar onde habitam as pessoas, contando ambos a este propósito exactamente a mesma história: *Handbook for Travellers in Portugal*, p. XVII e *A Month in Portugal*, pp. 60-61.

looked upon me as an intruder, for they made me the object of their incursions and assaults in no very pleasant manner.” (p.6) ⁽⁵⁴⁾

Mesmo quando a sorte traz ao seu encontro estradas e hospedarias bastante razoáveis, Oldknow tem o cuidado de frisar que a qualidade a que se refere está a ser medida em termos portugueses, e não ingleses!

Idêntica pobreza, falta de asseio e desleixo notou o autor nas cidades e vilas por onde passou (p. 73), embora ao longe se afigurassem bonitas e limpas por as casas estarem normalmente pintadas de branco (p. 87). Todas estas deficiências que temos vindo a referir foram integradas por Oldknow no contexto mais amplo de uma nação estagnada, arredada da marcha do progresso e aparentemente abandonada por Deus, como se infere das palavras de um português que encontrou em Oleiros:

“When Jesus Christ was on earth, He passed a long way from here.” (p.93)

Este não foi o único nativo que Oldknow conheceu e que mostrou estar perfeitamente consciente do atraso do seu país, pois em Viseu teve oportunidade de trocar impressões com um outro português (viajado em Inglaterra!) que revelou igual clarividência. Contudo, estas são duas excepções em relação à generalidade de um povo pouco esclarecido, provinciano e inculto. Aliás, as escassas referências às nossas realizações artísticas — abstraindo a arquitectura, de que falaremos mais adiante, Oldknow destaca apenas Grão Vasco no campo da pintura (pp. 78-79), tal como faz Neale no seu roteiro, e, no domínio da literatura, lamenta a falta de livrarias fora das grandes cidades de Lisboa, Porto e Coimbra (p. 27) e a qualidade mediana das produções literárias (p.28) ⁽⁵⁵⁾ — deixam concluir que este autor via os portugueses como gente sem grande imaginação ou génio.

⁽⁵⁴⁾ Para afugentar a habitual praga de pulgas e percevejos Oldknow recorreu a um remédio que aconselha a futuros viajantes: “After this, at every inn where we stayed, except at Oporto and Lisbon, I made a point, ere I retired to rest, of sprinkling my bed with spirit of wine and camphor [...] I should strongly advise them [his readers], if ever they travel in Spain and Portugal, to avail themselves of the same remedy.” (p. 13)

⁽⁵⁵⁾ “I believe the Portuguese have never particularly shone in literature; but there have been amongst them poets, and many historians, of considerable eminence [...]” (p. 28). Oldknow considerava, pois, que a literatura portuguesa nunca atingira um nível superior e, ao longo do seu relato, nunca chega a mencionar o nome de qualquer escritor português, ao contrário do que faz o seu amigo Neale no *Handbook for Travellers in Portugal*. Não podemos deixar de estranhar tal facto, pois entre os relatos de outros viajantes que Oldknow leu e de que se socorre, aliás, na composição da sua própria obra há muitas referências e considerações sobre a nossa literatura e, sobretudo, dois ensaios de fôlego que dão dela uma visão de conjunto. Referimo-nos concretamente a *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal. With some account of Spanish and Portugeuze Poetry* (1797) de Robert Southey e a *Portugal Illustrated* (1828) de William Morgan Kinsey, cuja 2.ª edição de 1829, que Oldknow consultou, contem como novidade uma «Second Supplemmentary Letter» intitulada “Brief Review of the Literary History of Portugal”, tradução de um manuscrito de Almeida Garrett escrito de propósito para Kinsey. Consulte-se, sobre este assunto, ISABEL OLIVEIRA MARTINS, “O percurso da primeira história da literatura portuguesa”

Revelando um espírito pouco piedoso, Oldknow, baseando-se em grande medida em opiniões de Neale, transmite-nos a imagem de um povo que, fisionomicamente, é apresentado como o mais feio de quantos existem à face da Terra:

“My companion remarked that he thought the Portuguese were the ugliest people under the sun: and I could not help being myself struck with their gipsey-like appearance and expression of countenance.” (p. 34)

Por mais de uma vez, ao contemplar os retratos exibidos nas paredes de casas particulares ou de instituições públicas, o autor se interrogou ironicamente se a fealdade que via ali representada corresponderia à real falta de beleza das pessoas ou à falta de talento dos pintores:

“Some of them [upper rooms] were adorned with portraits, miserable in point of execution, and unless the originals were persons of singular ugliness, libellous in point of resemblance [...]” (p.60)

Pelos comentários e desabaços que Oldknow vai deixando ao longo das 165 páginas de *A Month in Portugal* percebe-se claramente que não simpatizou com o povo português:

“I must confess that I do not like the Portuguese — at least, the lower orders. They are a familiar, inquisitive, uncivilized, idle, dirty, cheating, lying set. Doubtless they have their good qualities, but these must be of a very remarkable character to make up for such faults.” (p. 127)⁽⁵⁶⁾

À exceção de alguns apontamentos sobre a cortesia dos camponeses (p. 25) e a alegria e animação que colocavam no desempenho das suas tarefas (pp. 83 e 107), o que nos fica é o quadro de uma gente rude, desmazelada e preguiçosa:

“We saw here, however, as in most other places, a lot of people, both men and women, lounging about doing nothing, and looking as if they had nothing to do.” (p. 77)

Esta inércia, patente em todas as regiões do país e nas várias classes sociais — desde as mais baixas, como a dos pedintes, que preferia uma vida de vagabundagem expondo publicamente feridas e

in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Número 1. Lisboa, I.N.I.C., Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, 1990, pp. 37-135.

⁽⁵⁶⁾ Em nota de rodapé, na mesma página 127, Oldknow retrata-se um pouco: “I cannot but feel, whilst correcting the proof sheet, that I have here expressed myself too strongly. Some of the defects I have noticed are merely the result of national habits; whilst those of a more serious character are unhappily not peculiar to the Portuguese.” Repare-se que a adjectivação utilizada pelo autor na caracterização do povo português aproxima-se muito, embora não seja tão violenta, da usada por Costigan em *Sketches of Society and Manners in Portugal* quando lhe chama uma nação de “Knaves, Slanderers, Pimps, Parasites, Catamites, Thieves and Murderers” (Vol. I, p. 266).

mal-formações a dedicar-se ao trabalho sério ou a colocar-se sob a protecção de instituições de caridade (pp. 29-30), até à própria nobreza, empobrecida, endividada e na iminência de ter de vender os seus bens (pp. 162-163) — viu-a Oldknow comprovada pelo hábito que os portugueses tinham de andar desocupadamente pelas ruas, o que contrastava sobremaneira com a laboriosidade a que estava acostumado no seu país natal:

“Here every body seemed to be out of doors, ready for any enjoyment that might offer; whilst in our own country, you might walk from one end of a street to another, perhaps the most frequented in the whole town, and scarcely meet an individual. This is doubtless in some degree the effect of the climate; but is principally caused by the fact that Englishmen generally know what to do with their *time*.” (p. 9)

A máxima «tempo é dinheiro», tão cara aos ingleses, parecia não ter validade aos olhos dos portugueses, o que exasperou Oldknow durante a sua curta estada:

“But here no one seemed to think time of any value; and consistently enough, for no one seemed to have any thing to do.” (p. 128)

A ociosidade dos portugueses, aliada a uma profunda ignorância, traduzia-se também numa enorme curiosidade pelos forasteiros com que se cruzavam e são variados os exemplos fornecidos pelo autor de *A Month in Portugal* sobre o modo como ele e o seu amigo Neale foram seguidos e olhados como se de seres vindos de um outro mundo se tratasse:

“Whilst we were at our meals in the eating-room, a stout, vulgar-looking fellow made a point of perambulating the apartment, with a cigar in his mouth, as if he wished to see what he could of monsters who had come from beyond the sea.” (p. 80)

Infelizmente, a sua condição de estrangeiros não os tornou apenas objectos de uma incómoda, embora inofensiva, bisbilhotice. Na verdade, trouxe-lhes a desvantagem de lhes serem cobrados preços exagerados, a roçar a desonestidade (pp. 91, 110 e 125), o que, aliado a alguns roubos de que foram vítimas (p. 81), levou Oldknow a considerar os lusitanos como “untrustworthy scoundrels” (p. 81).

Neale, mais tolerante e menos melindroso, tentou rectificar esta imagem tão radical que o amigo formara dos portugueses, embora tivesse a apontar-lhes um carácter facilmente irascível, conflituoso e, ao mesmo tempo, crédulo e supersticioso. Escreve Oldknow na página 41 do seu relato de viagem:

“My present companion spoke highly of the Portuguese people as being kind-hearted, unsuspecting, and ready to place unbounded confidence in any who manifest an interest

in their welfare. On the other hand, they are very irascible, and regardless of human life. A trifling dispute, which in our own country would be settled by a pugilistic encounter, will often cause a Portuguese to draw out his knife, and inflict on his adversary a mortal wound. Hired assassinations and poisonings are also frequent among them. [...] And yet an execution in Portugal is a very rare thing. [...] He also gave some instances of the imposture, credulity and superstition to be found amongst the people [...]" (p. 41)

As últimas linhas desta longa citação remetem-nos para dois aspectos que os ingleses de visita a Portugal desde o século XVIII não se cansaram de assinalar: por um lado, a impunidade dos numerosos crimes cometidos no nosso país, prova cabal de que as leis jurídicas eram letra morta, e, por outro, a profunda tendência para a superstição do nosso povo, normalmente considerada como algo que a Igreja Católica incentivava e explorava para benefício da própria instituição. ⁽⁵⁷⁾

Devido à sua condição de sacerdote, não é de admirar que a religião ocupe um lugar preponderante no relato de viagem escrito por Oldknow. Neale, condicionado pelos requisitos do guia turístico, teve de limitar-se à descrição da arquitetura e decoração interior das igrejas, mas o seu companheiro de passeio pôde entregar-se com toda a liberdade à abordagem deste tema, revelando, aliás, um espírito extremamente combativo e uma tendência para a controvérsia. O profundo interesse de Oldknow em informar-se sobre a Igreja portuguesa levou-o a visitar sempre as igrejas das terras por onde passou (atentando não só nos pormenores artísticos dos edifícios mas assistindo às missas) e a prestar muita atenção a todas as manifestações de fervor religioso, do que resultou uma obra repleta de considerações e divagações que, por um lado, caracterizam a Igreja Católica e, por outro, a põem em confronto com a Igreja Anglicana.

O teor das opiniões emitidas pelo autor acerca da prática religiosa nos dois países deixa bem claro que Oldknow, tal como Neale, pertencia à *High Church*, facção dentro da Igreja Anglicana que se compõe dos que perfilham uma fé essencialmente católica, embora rejeitem a autoridade Papal (e, neste sentido, podem ser considerados descendentes da Reforma de Henrique VIII), por oposição à *Low Church*, integrada por

⁽⁵⁷⁾ Esta é apenas uma das inúmeras e ferozes críticas feitas à Igreja Católica pelos viajantes que nos visitaram ao longo dos séculos XVIII e XIX. De uma forma geral, esses autores viram nesta instituição um dos principais responsáveis, em conjunto com o Estado, pelo obscurantismo em que se encontrava mergulhada a vida portuguesa. Em *Mediterranean Passion. Victorians and Edwardians in the South* John Pemble sintetiza da seguinte forma esta atitude de condenação e desprezo: "Popular Christianity in the South — both Roman Catholic and Greek Orthodox — was no less abhorrent than Popery. Its characteristic vices were sacerdotalism and superstition. [...] Because they were conditioned by their education and their literature to associate Catholic clergy with the Inquisition, martyrs, cunning sophistry, and stifled lights of science, whenever they encountered priests Victorian travellers saw images of evil, dredged from the depths of Protestant prejudice." (p. 215)

todos os que se sentem protestantes e herdeiros da Reforma de Eduardo VI. Daí as constantes comparações entre Catolicismo e Anglicanismo com que nos deparamos ao longo das páginas deste livro e a visão mais moderada, umas vezes crítica, outras até aprovativa, que Oldknow nos transmite sobre a Igreja em Portugal, bem contrastante com os juízos contundentes e terminantes que dela fizeram outros viajantes britânicos de credo protestante. Rose Macaulay referiu-se a esta atitude ambivalente de aceitação e recusa nos seguintes termos:

“Both he [Neale] and Mr. Oldknow, but particularly Mr. Oldknow, felt, like other Tractarians, attracted and repelled by, inferior and superior to, and irresistibly impelled to argue with, Roman Catholics [...]” (58)

Enquanto esteve em Portugal, Oldknow teve oportunidade de se aperceber da completa ignorância aqui reinante em relação à Igreja Anglicana (p. 137), reconhecendo que o mesmo se passava em Inglaterra no respeitante à Igreja Católica Romana (p. 138). Por isso, sempre que a ocasião se proporcionou, tentou desfazer mal-entendidos entre as duas Igrejas e dissipar más vontades relativamente ao Catolicismo, defendendo o purismo da *Church of England* e a sua descendência directa da Igreja Católica medieval.

O contacto que estabeleceu em território português com as congregações das capelas inglesas de Lisboa e do Porto provocou-lhe profunda discórdia, afirmando:

“It was mentioned to me with something of satisfaction, both here and at Lisbon — the only places in Portugal where English Chapels are to be found, — that the congregations included ‘Protestants’ of various denominations, High Church and Low Church, Presbyterians and other Dissenters, but that they all got on very well together, without any disturbance. I should fear, however, that such an amalgamation must stand much in the way both of a clear inculcation of the distinctive doctrines of the Church of England, and of a full development of her ritual [...] not as a Protestant sect, but as a reformed portion of the Catholic Church.” (p. 52)

Contrário à interferência abusiva do Estado nos assuntos da Igreja, Oldknow constatou que tanto em Portugal como em Inglaterra se sofria desse mal, embora no nosso caso esse domínio fosse mais acentuado, não se lhe opondo qualquer resistência:

“Moreover with us State encroachments are resisted, or at least protested against; but here the Church seems destitute of inclination or power to make the least opposition.” (p. 43)

(58) *Ibidem*, p. 209. O termo «tractarian» refere-se ao *Tractarian Movement*: vide nota 21 do presente artigo.

Outra afinidade que encontrou diz respeito à disparidade das condições de vida dos Bispos e do baixo clero, vivendo este pobremente, senão mesmo de forma miserável, como exemplificava o caso de um padre que conheceu na Serra da Estrela, enquanto os primeiros dispunham de abastados rendimentos que os levavam muitas vezes a dedicar-se mais a assuntos temporais e menos ao cumprimento sério do seu ofício espiritual.

Ambos os aspectos acima referidos apontam claramente para um enfraquecimento da Igreja portuguesa, de que o autor indica as causas próximas:

“The whole of its property, both Conventual, Episcopal and Parochial, had been confiscated in the Revolution of 1834; the tithes going to the landowners, and the convents and other possessions of the monastic bodies to the Government.” (pp. 37-38)

Sem deixar de censurar fortemente estas confiscações (pp. 39 e 70), defendendo os direitos dos frades expoliados (p. 67) e insurgindo-se contra a entrega dos conventos a entidades civis que frequentemente os abandonavam e os condenavam à ruína (p. 93), Oldknow deixa no entanto implícito que a perda da propriedade não pode ser considerada como a única razão que explica o estado de acentuada decadência em que se encontra a Igreja em Portugal, avançando com outros motivos: a ignorância do clero e a degradação moral em que foi caindo devido, nomeadamente, à regra do celibato, não imposta pela Igreja Anglicana (p. 40).

A imagem final que nos fica é a de uma classe “consisting chiefly of men of the lowest ranks, and being, as a body, ignorant, lukewarm, and but indifferently esteemed for morality” (p. 46). Estas deficiências de preparação e zelo acabavam, forçosamente, por reflectir-se na pouca dedicação do clero à sua missão de guia espiritual (para além da missa diária, não havia outros serviços de carácter público a não ser na Quaresma e por ocasião das grandes festividades, e os sermões eram raros), bem como na irreverência e falta de solenidade dos serviços religiosos a que teve oportunidade de assistir em lugares tão distintos como o Porto (pp. 50-51) ou a Batalha, onde “the majesty of the place and the meanness of the service afford so painful a contrast” (p. 121).

Fruto da ignorância era igualmente o apoio dado pela Igreja Católica às superstições populares, o que, quanto a Oldknow, só afastava os crentes da Verdade da fé (p. 46). Eis um exemplo elucidativo que o autor foi encontrar na igreja de Amarante e a que poderíamos aplicar a expressão «o diabo em figura de gente»:

“In the Sacristy were two wooden images, painted black, with red lips, about the size of a boy thirteen or fourteen years old, intended to represent the devil. We asked what use was made of them; and were told that when country people wished to know what the devil was like, they were brought here and shown these.” (p. 67)

Oldknow deixou também registos das oferendas (modelos de cera, cabelos, faixas de seda, etc.) que viu penduradas nas paredes das igrejas, em agradecimento pela intercessão dos santos (p. 66), das caixinhas das esmolas destinadas às missas pelas almas do Purgatório (p. 72), das indulgências (p. 23), das “lotarias” das preces pelas almas do Purgatório, ou seja, caixas existentes nas igrejas de onde os fiéis tiravam um número à sorte que correspondia ao pedido de uma oração específica, por exemplo pela alma do último Papa ou pela que estava há mais tempo no Purgatório, ou ainda pela que estava menos na graça de Deus (p. 23), ⁽⁵⁹⁾ aspectos estes sobre os quais não se pronuncia criticamente, reservando porém uma palavra de censura para a profanação dos altares construídos à beira dos caminhos destinados à celebração de missas em dias particulares e que eram por vezes transformados em tendas de mercado para venda de pão e vinho (p. 31).

Bonitas e úteis afiguraram-se-lhe as muitas cruzes erigidas ao longo das estradas, pois conferiam à paisagem um ar cristão e convidavam o povo à meditação. Oldknow desejou que elas existissem igualmente em Inglaterra:

“We saw here, as elsewhere, many crosses by the way-side [...]. I like such memorials, and wish much that they were to be found amongst ourselves.” (p.31)

Outro aspecto que lhe causou uma boa impressão foi o encerramento do comércio nos dias santificados, prática que gostaria de ver imitada no seu país:

“In the morning [of Ascension-day], many of the shops were open; but in the afternoon, they were closed almost universally. It would be well if such respect to the Church's festivals were shown amongst us.” (p. 144)

Em relação às imagens, o autor de *A Month in Portugal* adota também uma posição aprovadora, o que provocou espanto a Bernardes Branco, por certo desconhecedor dos princípios doutrinários da Igreja Alta Anglicana a que Oldknow pertencia:

“Este escriptor inglez, apesar de protestante, é um fervido apologista das ordens monasticas em Portugal. Este padre inglez approva a existencia das imagens.” ⁽⁶⁰⁾

Levando em consideração a fraca instrução dos portugueses e a pouca leitura que faziam da *Bíblia*, o autor defende que as imagens não deviam aqui ser abolidas porque desempenhavam o importante papel de ensinar de uma forma mais imediata e conseguida do que muitos sermões:

⁽⁵⁹⁾ Neale também refere este aspecto: “In that [church] of S. Vicente [In Bragança] is a *Lottery for the Souls*, a thing scarcely to be seen out of Portugal.” (p. 163)

⁽⁶⁰⁾ *Ibidem*, p. 30.

"It would appear, however, that even in connexion with Bible reading and oral instruction, such representations may be highly beneficial, nay in some cases almost necessary."
(p. 94)

Reconhecendo-lhes este valor didáctico, não admira, pois, que Oldknow se tenha mostrado bastante atento às representações sagradas, avaliando-as enquanto veículos de educação religiosa e também como objectos de arte, sempre que entrava numa igreja... e foram muitos os templos que este viajante visitou! Na página 26 do seu relato, Oldknow chama a atenção para a abundância de igrejas existente em Portugal. O lugar mais desolado, a aldeia mais pequena tinha a sua igreja, por vezes até mais do que uma, o que levou o autor a ponderar que enquanto aos portugueses faltavam muitas coisas mas não lugares de devoção, o contrário se passava em Inglaterra:

"The Portuguese have many wants, but church-room is not one of them. In fact, their superabundance is almost more remarkable than our deficiency [...] I was [...] often induced to wish that many of them could be transported to suitable positions, in the thickly populated districts of our own land."
(pp. 26-27)

Oldknow não pôde, contudo, deixar de exprimir o desejo de que as igrejas estivessem abertas todo o dia (e não só durante as primeiras horas da manhã, como era hábito), se não por razões religiosas, pelo menos para servirem de abrigo ao sol escaldante:

"Churches in Portugal ought really to be kept open all day, if for no other reason, yet as a retreat from the scorching heat of the sun. We found their coolness most delicious."
(p. 103)

Não se deve no entanto pensar que a multiplicidade de igrejas fazia de Portugal um país interessante do ponto de vista do eclesiólogo. De facto Oldknow, em consonância com Neale, aponta para o pequeno número de igrejas antigas (admirou, por exemplo, o Convento de Cristo em Tomar, pp. 103-105, e o Mosteiro da Batalha, pp. 111-115) e para o fraco valor arquitectónico das modernas (pp. 26-27), reparando ainda no mau gosto dos melhoramentos levados a cabo em muitas delas (p. 142).

Tendo em conta a ignorância e a falta de zelo do clero no cumprimento da sua missão, bem como o duro golpe que sofreu nos princípios do século XIX quando o liberalismo e o laicismo se estenderam a Portugal e conduziram à espoliação dos bens da Igreja, Oldknow teve de concluir que no nosso país esta instituição se encontrava desprestigiada e tinha uma ineficaz intervenção junto da comunidade. Isto mesmo lhe foi reafirmado pelos eclesiásticos do Colégio dos

Inglesinhos, em Lisboa (p. 156) ⁽⁶¹⁾, o único lugar onde tiveram oportunidade de assistir a uma missa celebrada com a reverência, devoção e ordem que o ofício divino exige (p. 157), bem diferente do desrespeito patenteado pelos clérigos portugueses quer quando diziam a missa sem lhe incutir solenidade, quer quando não observavam os preceitos religiosos, como o jejum.

A este propósito Oldknow deixou-nos, aliás, o relato, em tom simultaneamente sério e jocoso, de um episódio passado consigo em Lisboa. O cenário foi o Convento de S. Vicente de Fora em vésperas da Ascensão, dia, portanto, de jejum, e o incidente ocorreu quando Oldknow e Neale, ao atravessarem os claustros, se sentiram subitamente envolvidos por um forte cheiro a bifeinhos de cebolada:

“As we passed through them [cloisters], we noticed a strong smell of beef-steaks and onions, which, as it was a fast day, the Vigil of the Ascension, we thought somewhat remarkable [...]” (p. 140)

Quando, alguns dias depois de este acontecimento ter tido lugar, Oldknow embarcou no vapor *Madrid* rumo a Inglaterra, não pôde deixar de formular o voto de que, num futuro próximo, a Igreja portuguesa fosse capaz de “cast from her whatever in doctrine or discipline will not stand the test of Catholic Antiquity, and prove herself, within her own sphere, in very deed ‘the pillar and ground of the truth!’” (p. 164). Para trás ficava um país que não pensava vir a visitar de novo mas que, a partir de agora, sempre lhe interessaria e para o qual desejava um governo firme, vigoroso, garante da liberdade pública e defensor da lei e da ordem, uma nobreza inteligente que pautasse o seu comportamento de acordo com sólidos princípios morais e tendo em vista o bem nacional e um povo virtuoso, trabalhador e feliz (p. 164).

Em certa medida, todos estes votos ambicionam o oposto daquilo que Oldknow veio encontrar em Portugal no ano de 1854. Os testemunhos que recolheu junto de estrangeiros aqui residentes e de nacionais iluminados surgem relatados em *A Month in Portugal* para assegurar a objectividade da visão do autor quando este afirma que o nosso país está entregue a maus governantes e a um clero que não cumpre a sua missão, vivendo o povo na ignorância, arredado da marcha do progresso e sendo, por isso mesmo, extremamente rude e incivilizado aos olhos dos viajantes provenientes de nações evoluídas como a Inglaterra.

Como vemos, a imagem que Oldknow formou de Portugal coincide exactamente com a veiculada pelo seu amigo John Mason Neale no que

⁽⁶¹⁾ O Colégio dos Inglesinhos, situado no Bairro Alto, foi ao longo do século XIX visitado por praticamente todos os turistas britânicos que então se deslocaram a Portugal, e Oldknow e Neale não constituíram excepção. Sobre a história desta instituição consulte-se: ROSE MACAULAY, “Inglesinhos. The English College (1622-1946)” in *They Went to Portugal Too*. Manchester, Carnet in association with The Calouste Gulbenkian Foundation, 1990, pp. 77-94.

diz respeito aos comentários de sinal negativo e é igualmente concordante quanto aos elogios a fazer, os quais se resumem a um único universo temático: a paisagem.

Oldknow define-se, à semelhança de todos os ingleses, como um grande apreciador dos cenários naturais (p. 72) e, nesse sentido, deuse por muito satisfeito com a viagem que fez até este país ibérico. Tal como para Neale, apenas este motivo era capaz de compensar todos os incómodos:

“On the whole, we had no reason to be dissatisfied with our tour. The beauty, grandeur, and novelty of many of the scenes of our pilgrimage, had well repaid us for all we had gone through [...]” (p. 100)

Foram muitos os lugares e múltiplos os elementos que o autor adjectivou de “beautiful”, “charming”, “delightful”, “enchanting”, “exquisite”, “fine”, “glorious”, “grand”, “interesting”, “lovely”, “magnificent”, “picturesque”, “remarkable”, “romantic”, “solemn”, “sublime”, “superior” e “sweet”. A paisagem que se avista do Cabo da Roca, por exemplo, mereceu-lhe o elevado qualificativo de «sublime»:

“The view of the ocean, bright and blue, and of the romantic coast consisting of bold projections, intermingled with sharp and lofty rocks, was truly sublime.” (p. 147)

Desde as margens dos rios Douro, Minho e Zêzere, à região de Viana do Castelo, passando pelas povoações e casas de bonita e pitoresca localização (p. 65), pelas cores das árvores, arbustos e flores, mais brilhantes, frescas e delicadas do que em Inglaterra (p. 110), pelo delicioso canto dos rouxinóis (p. 99) e o odor agradável do tomilho silvestre (p.128), tudo isto tocou a sensibilidade de Oldknow. Dos muitos quilómetros percorridos ficou-lhe na memória a recordação de um país particularmente rico em encantos naturais, a justificarem, por si sós, o turismo em Portugal. Entre os lugares da sua preferência e que mais funda impressão lhe causaram podemos apontar dois, bem distintos: Lisboa e a Serra da Estrela.

A capital agradou-lhe pela beleza da sua localização geográfica (p.130), pelo clima agradável, pela maior classe dos seus habitantes e pela limpidez do ar que permitia que se avistasse até muito longe. Considerou-a uma das cidades mais asseadas da Europa (p. 131) e possuidora de zonas e monumentos de especial interesse, como a Praça do Comércio, talvez a mais bela praça europeia (p. 132), as melancólicas ruínas do Carmo (pp. 133-134) ou o magnífico Aqueduto das Águas Livres (p. 135). Acima de tudo, Lisboa deleitou-o por ter sido o único sítio civilizado que encontrou em Portugal e onde pôde gozar de todo o conforto a que a Inglaterra o habituara. Por isso pensou, ao despedir-se:

“I was glad the last days of my stay in Portugal had been spent in Lisbon; for they formed, if not the most exciting, yet certainly the most comfortable part of my visit, and thus caused me to leave the country with more pleasant impres-

sions than would have accompanied my departure from any other place.” (pp. 163-164)

A Serra da Estrela encantou-o por razões bem diferentes. Ali, foi conquistado pelo pitoresco quadro pastoril dos rebanhos espalhados pela serra e, sobretudo, pelo majestoso cenário dos assustadores precipícios e das profundas ravinhas, onde “the grand and the beautiful were mingled together in splendid combination” (p. 87). A experiência emotiva de Oldknow e Neale (igualmente apaixonado por este lugar) ficou ainda mais completa quando, durante a escalada, ouviram o ribombar dos trovões, efeito sonoro que conferiu a toda a cena uma maior solenidade e grandeza.

Apesar da magia do cenário, Oldknow não pôde deixar de reparar nas aldeias miseráveis perdidas na Serra. Por muito pitorescas que fossem aos olhos dos turistas, elas representavam para os seus habitantes uma realidade bem menos agradável, a condenação a uma vida de trabalho árduo, pobreza e isolamento. “What must be to pass one’s life in one of these out-of-the-world places!” (p. 87), exclamou Oldknow, evidenciando um sentido de solidariedade na apreciação da paisagem que distingue os viajantes oitocentistas em busca do pitoresco. Com efeito, esta procura inaugurada em meados de setecentos e limitada a uma elite ociosa e versada na teorização sobre o tema, tinha como pressupostos regras, rotinas e formalidades que redundavam num distanciamento moral do viajante relativamente à pobreza, desordem e ruína que se tornara moda apreciar em termos puramente estéticos. A consciência social e o zelo evangélico do início do período vitoriano vieram, no entanto, denunciar claramente as limitações deste tipo de pitoresco ⁽⁶²⁾, defendendo-se, pelo contrário, a comunhão interior com e a simpatia humana do viajante pelo cenário que observa. Embora Oldknow não invista muito neste aspecto, não deixa de mostrar, nesta ou naquela descrição de uma paisagem, que o pitoresco do lugar não esconde nem faz esquecer as aflições diárias daqueles que nele habitam.

É natural que para o autor, enquanto sacerdote, esta problemática constituísse motivo de preocupação e, por isso, encontramos nestas páginas várias reflexões sobre os males que afligiam a sociedade portuguesa, a par com frases entusiásticas sobre os encantos paisagísticos que Oldknow pôde contemplar, para regalo dos olhos e da alma, unindo-se a Neale num coro de elogios. Ao fazer o balanço da sua

⁽⁶²⁾ Em *The Chimes*, um dos *Christmas Books* de Charles Dickens datado de 1844, a personagem do trabalhador Will Fern, dirigindo-se a um grupo de prósperos burgueses, distingue em termos muito humanos entre a realidade daqueles que, em nome das regras da pintura, procuram retratar lugares pobres e degradados e a dos que, nascidos muito abaixo na escala social, têm que neles habitar: “Gentlefolks, I’ve lived many a year in this place. You may see the cottage from the sunk fence over yonder. I’ve seen the ladies draw it in their books a hundred times. It looks well in a picture, I’ve heard say; but there an’ t weather in pictures, and maybe ’tis fitter for that, than for a place to live in. Well! I lived there. How hard — how bitter hard, I lived there, I won’t say. Any day in the year, and every day, you can judge for your own selves.” in CHARLES DICKENS, *The Christmas Books. Volume I. A Christmas Carol/ The Chimes*. Harmondsworth, Penguin Books, 1985, p. 215.

estada entre nós, Oldknow não se deixou contudo fascinar pelas belezas naturais a ponto de olvidar que Portugal era um país que, em sua opinião, não saíra ainda de um estado de barbárie:

"[...] I could not help feeling that when next I travelled, I should wish it to be in a country that was not quite so deficient in the common comforts of civilized life — that had at least passed the stage of barbarism." (p. 100)

Apesar de todas as contrariedades que Oldknow enfrentou, não perdeu nunca o sentido de humor, aspecto que Félix Walter reconhece como um dos atractivos de *A Month in Portugal*.⁽⁶³⁾ É preciso, porém, ter em atenção que os hilariantes versos latinos sobre os incómodos de viajar em terras portuguesas que Félix Walter cita para comprovar a veia humorística do autor inglês não são, na verdade, deste pastor anglicano mas sim, como ele próprio nos diz, do seu companheiro de excursão, Neale, que os compôs por puro divertimento, tendo Oldknow obtido autorização para incluí-los na sua narrativa. Trata-se, efectivamente, de um poema em latim sobre as atribulações do estrangeiro de visita ao nosso país que vem na página 98, encontrando-se a sua tradução inglesa no fim da obra. Os dois primeiros versos estabelecem desde logo um tom de impiedosa paródia quando o autor diz que uma inundação seria o único remédio para acabar de vez com a sujidade em Portugal:

"Who knoweth not the dirtiness of Lusitania's nation?/
Say, what can e'er improvement bring, except an inundation?"

Depois, ao longo das cinco quadras, encontramos divertidas referências às noites mal dormidas por causa dos parasitas que povoam as camas das miseráveis hospedarias, do barulho e cheiro das mulas acomodadas no andar de baixo e da curiosidade das gentes locais que acorrem a ver os forasteiros, impedindo-os de ter qualquer privacidade. Ao terminar, Neale, na qualidade de alguém que já passou por tal calvário, apenas tem a recomendar aos viajante uma santa resignação:⁽⁶⁴⁾

"When nought he finds for bed but straw, for dinner coarsest rations,

Oh, may he consolation find in that blest virtue — patience!"

Uma barbárie de belas e pitorescas paisagens, eis, em resumo, a visão que formaram de Portugal os sacerdotes John Mason Neale e

⁽⁶³⁾ Embora não contenha referências à literatura portuguesa, Félix Walter não quis deixar de citar *A Month in Portugal* para elogiar exactamente o sentido de humor do seu autor: "Citons pour rendre hommage au moins à son humour le nom de Joseph Oldknow, un sympathique anglican [...]", *ibidem*, p. 112.

⁽⁶⁴⁾ Em *A Month in Portugal* Oldknow incluiu ainda outros dois poemas, igualmente da autoria de Neale. O primeiro, "Believe me, if all of the horrible beds" (p.97), versa a mesma temática da composição que vem na página 98 e o segundo, "We were kneeling in Batalha, about the dawn of day" (pp.116-118), inspira-se no Mosteiro da Batalha para enveredar rapidamente por reflexões de carácter religioso.

Joseph Oldknow. Trata-se, no fundo, de manter a imagem de um país retrógrado e paralisado por uma política e uma religião avessas à ideia de progresso. Condicionados pela leitura dos numerosos relatos de viagem britânicos sobre Portugal publicados até então, Neale e Oldknow, apesar de detectarem aqui e ali, sobretudo em Lisboa, algumas melhorias relativamente ao quadro de incivilização e obscurantismo traçado por aquela literatura, sustentam, em linhas gerais, o mesmo panorama, apesar de o século XIX já ir avançado.

Várias são as justificações para a opinião por eles transmitida. Por um lado, a sua nacionalidade inglesa fazia deles membros de uma forte sociedade industrial que, graças à riqueza, poder e influência alcançados, detinha uma posição de supremacia no contexto mundial.⁽⁶⁵⁾ Nesse sentido, o desenvolvimento económico e a melhor qualidade de vida a que estavam habituados na sua ilha natal não poderiam deixar de constituir uma bitola pela qual avaliaram a realidade portuguesa, ainda profundamente agrícola e pouco evoluída. Por outro, a mesma nacionalidade inglesa atribuía-lhes, à partida, um sentimento de superioridade face aos povos do Sul da Europa em geral e, muito particularmente, em relação ao português que a Inglaterra há bem pouco tempo tivera de socorrer, com dispêndio de vidas e de dinheiro, para libertar Portugal das guerras napoleónicas e civis que o assolaram nas primeiras décadas de oitocentos.

John Pemble diz que os ingleses “were never more insular than when they were abroad”⁽⁶⁶⁾ e, de facto, o que se verifica no caso de Oldknow e Neale é que percorrem Portugal sem estabelecerem um contacto directo e esclarecedor com os naturais. A sua maior atenção vai para as paisagens, os monumentos e a falta de estruturas para acolhimento dos turistas e não procuram muito inteirar-se sobre as causas dos problemas sociais que detectam e as medidas que têm, ou não, vindo a ser tomadas para os solucionar:

“Whether they stayed in Grand Hotels, in country inns, or under canvas, the British were almost all alike in that they had little interest in the idea of close contact with Mediterranean people. [...] They regarded the countries of southern Europe, North Africa, and the Levant primarily as museums, sanatoria, and asylums, not as living societies. Their main concern was with art, ruins, climate, and release from social duty and responsibility.”⁽⁶⁷⁾

Este facciosismo teria, obviamente, de conduzir à formação de uma imagem desfavorável que apresenta Portugal como um país ainda a

⁽⁶⁵⁾ “It was very difficult for a visitor to the Mediterranean not to be reminded of Britain’s economic and military might. The English flag flying over the fortifications of Gibraltar, and the appurtenances of trade and empire in Malta, Cyprus, and Egypt, all recalled to the itinerant Victorian the weight of the British ledger and the power of the British sword.” in JOHN PEMBLE, *ibidem*, p. 269.

⁽⁶⁶⁾ *ibidem*, p. 268.

⁽⁶⁷⁾ JOHN PEMBLE, *ibidem*, p. 266.

viver na idade da barbárie. É certo que a Inglaterra era, por volta de 1850, a «workshop of the world», graças ao triunfo tecnológico e económico da Revolução Industrial. Mas escaparam a Oldknow e Neale as políticas implementadas em Portugal pelo liberalismo no sentido da industrialização. “Se a vida política do novo regime liberal decorria acidantada, já o liberalismo económico começava a produzir efeitos muito concretos, nomeadamente no que respeita à aplicação das novas tecnologias.”, diz-nos Víctor de Sá em *Lisboa no Liberalismo* ⁽⁶⁸⁾ para de seguida nos informar que em 1851, só em Lisboa, já tinham sido montadas 95 máquinas a vapor, havendo-as também em fábricas do Porto, Portalegre, Santarém, Marinha Grande e Tomar (o que não significa que não continuassem a imperar as pequenas oficinas artesanais e que a força motriz utilizada não fosse sobretudo a humana e a animal).

O incremento da indústria portuguesa, prioridade do Setembrismo, traduziu-se também na organização de exposições industriais por iniciativa da Sociedade Promotora da Indústria Nacional. A primeira, de 1838, teve a participação de 46 fabricantes e artistas, a segunda, de 1840, contou com 36 expositores, à terceira, de 1844, acorreram 134 participantes e na de 1848 “já apareceu uma máquina a vapor fabricada em Portugal, tinha ela a força de 6 cavalos.” ⁽⁶⁹⁾

Como se vê, o nosso país não estava completamente alheado da marcha do progresso tecnológico, e estas exposições foram visitadas por um público curioso e interessado nos espantosos produtos da criatividade humana. Quando, em 1851, teve lugar em Londres a chamada «Great Exhibition», a primeira grande exposição industrial à escala internacional que marca o auge da Revolução Industrial inglesa, Portugal mandou uma representação ⁽⁷⁰⁾ e exaltou o acontecimento nos jornais:

“Não tarda que os paços da industria se abram, em Hyde-Park, para celebrar a ovação do trabalho de todas as nações. A civilização moderna vae ter a sua epopéa. A enxada, o martello, e a machina são as lyras dos novos Homeros do trabalho.” ⁽⁷¹⁾

Até mesmo as agitações sociais decorrentes das más condições de vida e de trabalho do novo proletariado concentrado nas grandes cidades industriais inglesas começaram a ter o seu equivalente entre nós quando, em 1849, os metalúrgicos de Lisboa fizeram

⁽⁶⁸⁾ VÍCTOR DE SÁ, *Lisboa no Liberalismo*. Lisboa, Livros Horizonte, 1992, p.57.

⁽⁶⁹⁾ *Idem, ibidem*, p. 59.

⁽⁷⁰⁾ No número 27 da *Revista Universal Lisbonense* do dia 13/3/1851 (2.ª serie, tomo III, 10.º anno, pp. 323-324) pode ler-se: “Os productos portuguezes para a Exposição de Londres partiram de Lisboa, a bordo do vapôr de guerra *Infante D. Lutz*, hontem 12 de Março. Foram 91 volumes, comprehendendo 1.293 numeros de ordem, ou outros tantos objectos diferentes.”

⁽⁷¹⁾ In *Revista Universal Lisbonense*, 2.ª serie, tomo III, 10.º anno, n.º 24, 20/2/1851, pp. 277-278.

greve, em luta pela abolição da obrigatoriedade de trabalharem também ao serão. (72)

No que diz respeito ao desenvolvimento dos transportes e vias de comunicação, sector-chave da Revolução Industrial inglesa que alargou sobremaneira o fenómeno do turismo entre os britânicos ao tornar as viagens mais rápidas, seguras e baratas, devemos dizer que no caso português progrediu de forma muito lenta. É certo que Lisboa e Porto ficaram ligadas a partir de 1823 por navegação a vapor e que a administração cabralista tentou meter ombros à tarefa da construção de estradas, mas os transportes para o interior do país ainda eram feitos, sobretudo, por almocreves, barqueiros e carreteiros, e a rede de diligências era extremamente limitada. Em 1853-1854, quando Neale aqui esteve, pôde aperceber-se de que estas últimas apareciam ainda aos olhos do ignorante povo português como um prodígio:

“The road to Braga has lately — a most wonderful thing in Portugal — been made passable for carriages. A diligence runs each way every day. In the summer of 1854 it was in so much request that places had to be secured. The time occupied is 6 hrs. This diligence began running on May 5, 1852, between Porto and Famalicão, and the event was chronicled in the *Nacional* of the next day as a prodigy, the names of the travellers being given in full [...]” (73)

A prosperidade chegaria, pois, mas muito devagar, com o tradicional atraso com que se tem vindo a fazer a europeização do nosso país. Apesar de todos os esforços do liberalismo durante a primeira metade do século XIX, temos de reconhecer que Portugal manteve em grande medida as características do antigo regime económico. O povo vivia esmagadoramente na pobreza, como constataram Neale e Oldknow nas aldeias, campos e serras por onde deambularam a maior parte do tempo em que aqui estiveram.

Contudo, os ventos do progresso começariam em breve a soprar mais fortes, e a Regeneração, sob o signo da burguesia, iria finalmente levar a cabo a transformação material do país que a experiência liberal projectara mas não conseguira concretizar. Coube efectivamente ao Fontismo a modernização de Portugal (dentro dos condicionalismos financeiros existentes), a qual veio a estimular o desenvolvimento e o crescimento económico e começaria a tirar o território nacional do isolamento a que há muito se encontrava condenado.

Tivessem Oldknow e Neale viajado até este país ibérico apenas dez anos mais tarde e teriam podido ver o comboio (inauguração do troço Lisboa-Carregado em 1856, início da linha do Norte que ficou concluída em 1864), o telégrafo (aparecido em Lisboa em 1857, para no ano de 1864 existirem já mais de 2000 km de linhas e mais de 70 estações) e boas estradas, abertas entre 1859 e 1875 numa extensão que rondou

(72) Sobre a história desta greve consulte-se VÍCTOR DE SÁ, *Ibidem*, pp. 64-67.

(73) *Handbook for Travellers in Portugal*, p. 142.

os 3000 km. Citando Joel Serrão, podemos resumir os benéficos efeitos da Regeneração no sentido da prosperidade:

“Raciocinando *a fortiori*, pelos sinais demográficos urbanos de 1878-90 poder-se-á apreender algo do que principiou a ocorrer em Portugal a partir da Regeneração: um lento mas contínuo *processus* de desenvolvimento económica, social e mental.” (74)

Acontece que Oldknow e Neale vieram até nós antes das significativas realizações do projecto regenerador e, por isso, depararam, em grande parte, com o atraso e a pobreza que há séculos tolhiam a vida nacional. A inércia pareceu-lhes de tal forma enraizada em todas as esferas da sociedade portuguesa que não vislumbraram grandes hipóteses de, a médio prazo, ser possível reduzir o enorme desfazamento que separava o nosso país das nações europeias evoluídas. Como não mais voltaram a visitar Portugal, não tiveram oportunidade de constatar o progresso material decorrente da aplicação das políticas regeneradoras nem puderam reconhecer, enfim, que os portugueses tinham iniciativa empreendedora e mereciam o respeito e a credibilidade que Neale lhes parece negar quando, a páginas 29 do *Handbook for Travellers in Portugal*, faz questão de citar uma opinião veiculada na imprensa periódica portuguesa ao tempo da governação de Costa Cabral, ministro de D. Maria II:

“What can be expected from a nation where the dead are buried on the Height of Pleasures, the queen occupies the Palace of Necessities, and the finance-minister resides in Thieves' Alley?”

Em 1855, ao serem lançados no mercado livreiro o roteiro de Neale (numa época em que o turismo se faz já de guia na mão) e as impressões de viagem de Oldknow, o público britânico passou a dispor de mais duas obras sobre Portugal — extremamente interessantes, do ponto de vista do historiador, para a reconstituição do *modus vivendi* português em meados da centúria de oitocentos — que, grosso modo, reproduziam a já tradicional visão de um país retrógrado e inculto que se integrava, aliás, num mais vasto estereótipo (75) do Sul, produto da atitude de fobia dos ingleses que, face à realidade da Europa meridional, valorizam a sua cultura de origem (superioridade real, em termos económicos e industriais) e declaram a inferioridade dos países visitados.

(74) “Regeneração” in *Diccionario de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão. Vol. V. Porto, Figueirinhas, 1990, p. 255.

(75) A vasta produção de relatos de viagem sobre um dado país, neste caso Portugal, pode conduzir à formação de um estereótipo quando se dá a cristalização de uma imagem esquemática que se pretende definidora da natureza essencial do Outro e válida em qualquer momento histórico: “Ce clichage, qui résulte d'une abondante production sur une époque ou un pays «à la mode», aboutit à la constitution d'un véritable répertoire de stéréotypes codifiés.” in MICHEL POTET, “Couleur locale: thème et version” in *Revue de Littérature Comparée*, 49^e année, n.º 1, Janvier-Mars 1975, p. 9.

Mas o Sul pode também ser visto positivamente, como o espaço mítico de libertação do Eu e de fuga a um Norte opressor e angustiante. ⁽⁷⁶⁾ Em *Handbook for Travellers in Portugal*, devido às características necessariamente impessoais do guia turístico, e em *A Month in Portugal* estamos muito longe de encontrar essa dimensão de exílio regenerador que o norueguês Ibsen ou o inglês D.H. Lawrence viriam a buscar na Itália, por exemplo, mas a linguagem com que os dois autores escrevem a alteridade, a forma como ambos descrevem as peculiaridades da paisagem portuguesa poderá ter despertado no futuro o interesse de todos aqueles viajantes que buscavam exactamente uma realidade diferente e, em certos aspectos, até oposta à sociedade inglesa, sendo desta feita a cultura de origem a merecedora de críticas.

Para um século XIX apaixonado pelo exotismo, Portugal tinha muito a oferecer, como sabemos ⁽⁷⁷⁾; e a todos aqueles britânicos que se sentiam asfixiados pela concentração populacional das grandes cidades industriais, pela poluição ambiental, pela opressiva rotina urbana (frutos inevitáveis da Revolução Industrial) e sonhavam nostalgicamente com o regresso à Natureza livre, espontânea e intocada pela acção transformadora do Homem, o nosso país poderia proporcionar essa desejada fuga para um espaço de paisagens rústicas, pitorescas e até sublimes, onde o tempo parecia ter parado:

“No Ocidente, os espaços ibéricos oferecem essa mistura passadista, mistura de anacronismo e de miséria, de aristocracismo (o antídoto da era burguesa!) e de exotismo vagamente oriental, mistura que provoca ainda sensações fortes para um viajante ansioso por se perder para melhor encontrar os seus fantasmas..” ⁽⁷⁸⁾

A Month in Portugal e *Handbook for Travellers in Portugal*, duas obras de agradável leitura como procurámos demonstrar através da inclusão frequente de sugestivos excertos, falamos exactamente de um Portugal com essa dimensão polivalente aos olhos dos ingleses que aqui se deslocaram no século XIX. Lugar do compromisso político, do risco e da aventura militar e financeira, espaço de meditação privada, de refúgio e de errância romântica, Portugal foi, para o viajante britânico em geral, o país bonito mas bárbaro que tinha afinal no próprio atraso e beleza paisagística as razões de ser do seu exotismo e, consequentemente, do seu potencial turístico.

⁽⁷⁶⁾ Sobre esta questão consulte-se: JACQUELINE SESSA, “Le Sud, lieu de destruction ou d’édification du moi?” in *Le Sud: Mythes, Images, Réalités*. Actes du XVIe Congrès de la Société Française de Littérature Générale et Comparée. Tome II. Montpellier III, 1980, pp. 289-299.

⁽⁷⁷⁾ “Na sua procura ávida de sol, de exotismo, de um Oriente tornado moda pelo romantismo, a Península Ibérica é uma verdadeira reserva inesgotável de cor local, primitiva ou sensual, fascinante.” in ÁLVARO MANUEL MACHADO e DANIEL-HENRI PAGEAUX, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa, Edições 70, 1988, p. 43.

⁽⁷⁸⁾ *Idem, Ibidem*, p. 42.